



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**TERESA DE JESUS BENTO SILVA GARCIA**

## **O contributo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica para a vivência da paz numa perspetiva de escola inclusiva**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

**sob orientação de:**

**Prof. Doutor José Manuel Valente da Silva Nunes**

**Mestre Cristina Maria Ramos Cavalheira de Sá Carvalho**

**Lisboa**

**2020**

*À memória da minha mãe*

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>4</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>5</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>6</b>
<b>SIGLAS.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I – A PAZ UNIVERSAL .....</b>	<b>9</b>
1. Educação para a paz .....	9
1.1. Conceito de paz – das ciências humanas até à Bíblia.....	9
2. Uma educação para a paz.....	16
3. A paz nas mensagens dos Papas para o Dia Mundial da Paz .....	18
<b>CAPÍTULO II – A PRÁTICA DO ENSINO PEDAGÓGICO SUPERVISIONADA .....</b>	<b>30</b>
1. Breve olhar sobre a tarefa educativa da Educação Moral e Religiosa Católica na escola perspetivando a escola inclusiva .....	30
2. Contextualização Da Prática de Ensino Supervisionada .....	32
2.1. Caracterização da Escola Salesiana de Manique .....	32
2.2. Caraterização da turma 7ºI.....	37
3. Percurso pedagógico realizado.....	38
3.1. Análise crítica à Unidade letiva 4 – A paz universal.....	38
3.2. Experiência em contexto de sala de aula.....	42
<b>CAPÍTULO III – CONTRIBUTO DA DISCIPLINA DE EMRC PARA A VIVÊNCIA DA PAZ PERSPECTIVANDO UMA ESCOLA INCLUSIVA .....</b>	<b>47</b>
1. A inclusão: o grande indicador da paz .....	47
2. Contributo da EMRC para uma paz inclusiva .....	52
2.1. A importância do envolvimento ativo dos pais e EE na vida escolar .....	55
3. EDUCAÇÃO PARA A PAZ: Proposta de ação pedagógica destinada a pais/EE na sensibilização para a vivência da paz e inclusão em meio escolar.....	59
3.1. O Bullying.....	61
3.2. Da violência escolar ao Bullying .....	63
3.3. A família e o Bullying .....	64
3.4. Formação: “Pais e Encarregados de Educação mediadores da paz escolar” .....	66
3.4.1. Planificação da Ação de Formação.....	66
3.4.1.1. Sessão 1: A educação para a paz, o desafio da atualidade.....	70
3.4.1.2. Sessão 2: “A inclusão e os direitos humanos”.....	74
3.4.1.3. Sessão 3: “Situações de ausência de paz: o Bullying” .....	80
3.4.1.4. Sessão 4: “A importância das mensagens Bíblicas na promoção da paz” .....	84
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>87</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>93</b>

## **Agradecimentos**

A presente dissertação não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, um agradecimento especial à Dra. Cristina Sá Carvalho minha orientadora e Professora ao longo destes anos de estudo. Obrigada pelo apoio, transmissão de conhecimentos, motivação, paciência e dedicação.

Desejo igualmente agradecer ao Dr. José Nunes meu orientador na fundamentação teológica, pelo sentido prático, paciência e empenho.

Igualmente agradecer ao Dr. Juan Ambrósio pela sua presença amiga nesta caminhada que sempre esteve disponível quando solicitado.

Um agradecimento à Escola Salesiana de Manique pelo acolhimento, simpatia e profissionalismo com que acolheu o núcleo da PES.

Obrigada aos meus alunos, que foram e serão sempre a minha fonte de inspiração.

Um profundo agradecimento à minha mana Paula Aurélio pelo apoio, persistência, dedicação e paciência.

Agradecer aos meus colegas de turma que ao longo dos dois anos foram presença amiga especialmente à Cristina Alves, Maria Isabel Marques, Susana Nobre e Paulo Gilberto que me ajudaram a ultrapassar obstáculos.

Um obrigado ao Irmão José Domingos pelo apoio e oração nesta caminhada.

Por fim agradecer a todos os meus amigos e família que sempre me deram o apoio incondicional necessário para seguir em frente

## RESUMO

É urgente a educação escolar para a paz por forma a transformar as escolas num local aprazível, de tolerância e respeito. Vivemos atualmente numa sociedade plural, ou seja, marcada por muitas diferenças culturais, crenças religiosas, modos de pensar diferentes; todas estas características influenciam em grande parte os ambientes sociais concretamente em contexto escolar, uma vez que a escola acolhe todos sem distinção.

No presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada (PES) é apresentada uma reflexão acerca do tema da paz, começando numa visão teológica desde definições e pontos de vista de alguns teólogos acerca da temática. Posteriormente refletimos sobre as mensagens para a Paz dos vários Papas até ao presente ano civil.

Numa segunda parte deste relatório é apresentada uma reflexão aprofundada do que foi a minha experiência enquanto aluna da PES no núcleo de estágio dos Salesianos de Manique. Escola, onde se reflete sobre os progressos e dificuldades da prática letiva, nomeadamente da lecionação da Unidade letiva 4: A Paz universal.

De seguida é feita a exploração do tema da paz, numa perspetiva da escola inclusiva, salientando a importância do contributo da Educação Moral e Religiosa Católica bem como a influência dos pais e Encarregados de Educação (EE) na vida escolar dos seus educandos.

Por fim como atividade pedagógica é sugerida uma atividade para pais /EE em articulação com a escola e tem como principal objetivo estimular o envolvimento na vida escolar dos seus educandos, tendo em vista a vivência da escola inclusiva na prevenção da violência escolar.

**Palavras-chave:** paz, educação, inclusão, escola inclusiva, direitos humanos, tolerância, dignidade.

## **ABSTRACT**

Education for peace in schools is urgent in order to transform schools into a pleasant, tolerant and respectful place. We currently live in a plural society, marked by many cultural differences, religious beliefs, and different ways of thinking. All these characteristics largely influence social environments, specifically in the school context, since the school welcomes everyone without distinction.

This Final Report on Supervised Teaching Practice (PES) presents a reflection on the theme of peace, starting with a theological view from the definitions and points of view of some theologians on the subject. Subsequently, we reflected on the messages for peace of the various Popes up to the present.

In a second part of this report, an in-depth reflection of my experience as a student of PES was presented at the Salesians of Manique training center. In this school we reflect on the progress and difficulties of teaching practice, namely the teaching of Unit 4: Universal Peace. Then, the theme of peace is explored, from an inclusive school perspective, emphasizing the importance of religion as a subject Religious Education as well as the influence of parents and guardians in the school life of their students. Finally, as a pedagogical activity, we suggest an activity for parents / tutor in cooperation in conjunction with school its main objective is to encourage involvement in the school life of their students, regarding inclusion as a way of preventing school violence.

## **SIGLAS**

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

AT – Antigo Testamento

DH – Dignitatis Humanae

EE – Encarregados de Educação

EMRC – Educação Moral Religiosa Católica

ESM – Escola Salesiana de Manique

GS – Gaudium et Spes

LS – Laudato Si

NT – Novo Testamento

ONU – Organização das Nações Unidas

PES – Prática do Ensino Supervisionada

RFPEs – Relatório Final da Prática do Ensino Supervisionada

## INTRODUÇÃO

Primando a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) pela educação baseada nos valores morais e no agir em conformidade com o bem a partir das nossas ações, e sendo o 7º ano de escolaridade marcado por uma fase de desenvolvimento da personalidade dos adolescentes, a temática da paz universal pode ser o motor de arranque para uma educação dos valores para a paz.

Neste sentido, a disciplina de EMRC pode constituir um poderoso contributo para uma escola inclusiva que é, atualmente, um dos objetivos da educação, mas simultaneamente uma dificuldade e um desafio. Este é o objetivo deste trabalho - uma reflexão sobre o contributo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na educação dos valores para a paz, perspetivando uma escola inclusiva, a partir da unidade letiva 4, a paz universal, do sétimo ano de escolaridade. Para tal, a presente dissertação será estruturada em três partes fundamentais.

A parte inicial corresponderá ao aprofundamento teológico da Paz e Educação para a Paz, uma vez que estes são conceitos aglutinadores que contribuem para uma escola inclusiva. Deste modo, para além de uma fundamentação bíblica, serão analisadas algumas mensagens do magistério da igreja para o Dia Mundial da Paz, nomeadamente as que estão relacionadas com a temática da inclusão.

Seguidamente, proceder-se-á, numa segunda parte do trabalho, a uma reflexão sobre a prática letiva. Da mesma constará a caracterização da Escola Salesiana de Manique, instituição onde foi desenvolvida a prática de ensino supervisionada, assim como a caracterização socioeducativa da turma 7ºI e a reflexão sobre o trabalho pedagógico desenvolvido com os alunos no âmbito da unidade letiva já mencionada.

Numa terceira parte deste trabalho teremos como objetivo demonstrar o contributo da unidade letiva “A Paz Universal” para a inclusão em contexto escolar imbricando a reflexão pedagógica com a proposta de atividade pedagógica que consiste numa ação de formação para pais e encarregados de educação. Será explorado e refletido o Decreto Lei Nº54/2018 de 6 de Julho, implementado pelo Ministério da Educação que regulamenta a educação inclusiva nas escolas.

Finalmente será elaborada uma conclusão, na qual se procurará sintetizar o tema estudado, demonstrando que a proposta pedagógica planeada é de fato um momento formativo pertinente no sentido de contribuir na educação para a paz e escola inclusiva, seguida da bibliografia que sustentam o mesmo.

## CAPÍTULO I – A PAZ UNIVERSAL

### 1. Educação para a paz

#### 1.1. Conceito de paz – das ciências humanas até à Bíblia

Tendo em vista a problemática da educação para a paz, no presente capítulo será abordado a paz na sua definição mais abrangente, confrontando depois essa definição com a sua definição no sentido teológico.

De seguida iremos percorrer o caminho de definição de paz no Antigo Testamento (AT) e no Novo Testamento (NT). Posteriormente pretende-se demonstrar a importância dos textos bíblicos e sua relevância na educação para a paz, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

A paz é sem dúvida um conceito abstrato na sua própria definição, no entanto é do senso comum entendê-la como sendo um estado de tranquilidade. Se procurarmos a palavra paz num dicionário comum de língua portuguesa encontramos que é um vocábulo derivado do latim *pax, pacis*, sendo definido como quietação de ânimo, sossego, tranquilidade. Também ausência de guerra, e outras dissensões da experiência humana como boa harmonia, concórdia, reconciliação e, até, paciência.<sup>1</sup>

Abordar a paz em meio escolar é, como podemos verificar na própria definição do conceito, um tema que abrange vários assuntos relacionados com o homem como ser racional, espiritual e social. Segundo Guimarães, “a educação para a paz é hoje reconhecida como tarefa mundial, exigência indiscutível, componente importante nos programas educativos.”<sup>2</sup> Segundo Hammes, “passa-se a compreender a paz, não apenas como ausência de guerra ou de violência, mas como construção de uma cultura de paz.”<sup>3</sup> Atualmente, as questões ligadas à paz continuam a ser de interesse geral, não só em contexto educativo, mas também da esfera política, religiosa e social. Assistimos variadas vezes a comportamentos agressivos que constantemente ameaçam a paz.

---

<sup>1</sup> in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/paz> [consultado em 26-02-2019].

<sup>2</sup> L.HAMMES, “Conceituação e antecedentes históricos”, in Educação inclusiva e educação para a paz, São Luis, Edufma, 2009, 13.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

Vejamos o caso do desporto, que invés de trazer sentimentos saudáveis gera intolerâncias e desavenças provocando situações de ausência de paz ou no mundo político onde se vivem climas de tensão por pontos de vista divergentes.

Neste sentido, a paz vai além da ausência de guerra ou violência. “É uma construção; busca ou esforço permanente pois mesmo que não houvesse situações de violência ou guerras, a construção da paz deveria estar na agenda.”<sup>4</sup>

Encontramos no Manual de 7ºano da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, uma definição de paz, “A paz é um bem precioso. É o único ambiente onde é possível uma vida verdadeiramente humana.”<sup>5</sup> “A paz, geralmente definida como um estado de calma ou tranquilidade, sem perturbações ou agitação, é sobretudo um apelo ao Bem. É um valor evangélico, simultaneamente dom e tarefa.”<sup>6</sup> “A paz de Jesus é uma atitude/comportamento fruto da justiça e do amor que nos realiza verdadeiramente como pessoas e dá sentido e plenitude à vida.”<sup>7</sup>

Apresentamos algumas conceções teóricas e metodológicas da educação para a paz, que segundo Hammes, devem nortear a educação.

“A paz não é um estado, mas uma construção. A paz não é um estado dado, mas algo a ser instaurado e construído por nós, da qual, não somos clientes ou beneficiários, mas os sujeitos e cocriadores.”<sup>8</sup>

“Paz se ensina. A educação possui uma contribuição importante e significativa nos processos de construção de culturas de paz e não-violência. Junto com a Campanha Global, reafirmamos que não haverá paz sem educação para a paz.”<sup>9</sup>

“A paz se constrói a partir da não-violência. As soluções ao problema da violência terão alcance muito reduzido enquanto permanecerem no campo restrito da resposta à violência. Faz-se necessário, para se conseguir uma resposta eficaz, criar polos positivos de não-violência.”<sup>10</sup>

“A paz se constrói num processo dialógico-conflitivo. Mais do que uma realidade concebida de forma idealista, a paz se apresenta, não como oposta ao conflito, à agressividade, à

---

<sup>4</sup> *Ibidem.*

<sup>5</sup> AAVV, “Quero saber”, Fundação Secretariado da Educação Cristã, Lisboa, 2015,121.

<sup>6</sup> *Ibidem*,123.

<sup>7</sup> *Ibidem*,124.

<sup>8</sup> L.HAMMES, “Conceituação e antecedentes históricos”, in Educação inclusiva e educação para a paz, São Luis,Edufma,2009,15.

<sup>9</sup> *Ibidem.*

<sup>10</sup>*Ibidem.*

indignação, ao uso da força e à luta, mas justamente como uma forma de resolver os conflitos, de importar a energia humana e de avançar em direção a seus objetivos sem violência.”<sup>11</sup>

“A educação para a paz como espaço de debate. No conflito interpretativo que se estabelece na sociedade atual, a linguagem torna-se, por excelência, o caminho para a paz, fazendo da educação para a paz um espaço por excelência do debate, diálogo e negociação para que a humanidade opere um consenso em torno da paz.”<sup>12</sup>

A definição de Ramiros Marques parece-nos particularmente apropriada para o contexto deste trabalho, uma vez que coloca a questão da paz e da educação para a paz em meio escolar, tal como pretendemos:

“A escola é entendida como um lugar de aprendizagem e de convivência social que deve oferecer não apenas um espaço físico e organizacional, mas também um espaço relacional, de convivência, de cooperação e de resolução de conflitos.”<sup>13</sup>

Desta feita, encontramos o conceito de paz vivido em ambiente escolar. Educar para a paz é proporcionar aos jovens ambientes salutarres de diálogo que possam estimular a vivência dos valores éticos. “A paz, geralmente definida como um estado de calma ou tranquilidade, sem perturbações ou agitação, é sobretudo um apelo ao bem.”<sup>14</sup> “A paz é uma conquista de cada pessoa, de cada comunidade, de cada povo; não é algo que se adquire de uma vez por todas, mas que tem de estar em permanente construção.”<sup>15</sup>

Acrescenta Vitor Feytor Pinto:

“A violência tão fácil de surgir deve ser travada, o que só é possível com um redobrado esforço de educação das populações. Não só as crianças, os adolescentes e os jovens que devem ser educados para a solidariedade, são também os adultos que àqueles devem dar exemplos claros de respeito pela igualdade entre todos os humanos.”<sup>16</sup>

Segundo Lúcio Jorge Hammes, “uma das propostas para a consolidação da paz é a educação para a paz.”<sup>17</sup> Acrescenta Aguillera que “é fundamental estimular o espírito de cooperação e a compreensão.”<sup>18</sup> Acrescenta Hammes que “hoje, a educação para a paz

---

<sup>11</sup> *Ibidem.*

<sup>12</sup> *Ibidem.*

<sup>13</sup> R. MARQUES, “Valores éticos e cidadania na Escola”, Editorial Presença, Lisboa, 2003, 13.

<sup>14</sup> C. CARVALHO, “Quero saber”, Fundação Secretariado da Educação Cristã, Lisboa, 2015, 123.

<sup>15</sup> *Ibidem.*

<sup>16</sup> V. PINTO, “Na abertura da Conferência Educação para a tolerância”, in Educação para a tolerância, Actas da Conferência, Secretariado Coordenador dos programas de Educação Multicultural, Lisboa, 1996, 15.

<sup>17</sup> L. HAMMES, “Conceituação e antecedentes históricos”, in Educação inclusiva e educação para a paz, São Luís, Edufma, 2009, 13.

<sup>18</sup> *Ibidem.*

revela-se como possibilidade, no próprio espaço da educação, para superar a violência no meio escolar e dar um contributo para a construção de uma sociedade não violenta.”<sup>19</sup>

Passamos então a olhar a paz, “não sendo apenas uma ausência de guerra ou violência, mas como a construção de uma cultura de paz.”<sup>20</sup> A educação para a paz vai além de partilhar ou veicular conceitos abstratos, de se viver numa sociedade em que não há guerra, paz é um processo, não apenas um estado, mais ou menos breve, da história das relações entre as pessoas, mas,

“É uma construção; busca ou esforço permanente, pois mesmo se não houvesse situações de violência ou guerras, a construção da paz deveria estar na agenda. Por isso a educação para a cultura da paz se torna relevante, envolvendo mais pessoas para que a cultura da paz se torne a cultura vigente, orientando atitudes e valores.”<sup>21</sup>

Segundo Hammes, a paz é uma construção, que se aprende, ensina e constrói se a partir da não-violência, no concreto das ações diárias.<sup>22</sup>

“A educação para a paz como espaço de construção coletiva. Como construção, a paz deixa de ser um atributo apenas individual, para assumir uma compreensão mais coletiva e comunitária. A educação para a paz apresenta-se como um espaço onde as pessoas firmam-se como pacifistas inserindo-as no movimento social para a paz fazendo repercutir para o seu quotidiano aquilo que é a busca das pessoas comprometidas com a paz no mundo.”<sup>23</sup>

Acrescenta Francine Fournier que “a educação pode ajudar a moldar atitudes de uma vida inteira, e criar nos jovens capacidades de relação interpessoais que no futuro irão precisar para viver em paz uns com os outros.”<sup>24</sup>

Tomando este contributo de Fournier como síntese da reflexão a partir dos vários autores indicados, podemos fazer uma transição para uma definição de paz que se encontra já no campo da teologia, a partir de um seu dicionário crítico:

“Por paz, o pensamento cristão não designa a simples ausência de conflito ou o fim de um estado de guerra. Conceito englobante, a p. nomeia, ao contrário, a realidade múltipla espiritual, impessoal, social, internacional, e mesmo ecológica – de uma ordem e de uma

---

<sup>19</sup> *Ibidem.*

<sup>20</sup> L.HAMMES, “Conceituação e antecedentes históricos”, in Educação inclusiva e educação para a paz , São Luis, Edufma, 2009, 13.

<sup>21</sup> *Ibidem.*

<sup>22</sup> *Ibidem.*

<sup>23</sup> *Ibidem.*

<sup>24</sup> F.FOURNIER, “Na abertura da Conferência Educação para a tolerância”, in Educação para a tolerância, Actas da Conferência, Secretariado Coordenador dos programas de Educação Multicultural, Lisboa, 1996, 23.

harmonia que fazem memória da criação ao mesmo tempo que anunciam a e capitulação escatológica de todas as coisas.”<sup>25</sup>

No Catecismo da Igreja católica encontramos a paz como fruto do Espírito Santo:

“Os frutos do Espírito Santo são perfeições plasmadas por Ele em nós como primícias da glória eterna. A tradição da Igreja enumera doze: «Amor, alegria, paz, paciência, longanimidade, bondade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência, castidade» (Gal 5,22-23 vulgata).”<sup>26</sup>

Acrescentamos ao nosso estudo a Paz descrita no Compêndio de Doutrina Social da Igreja:

“A paz é um valor e um dever universal e encontra o seu fundamento na ordem racional e moral da sociedade que tem as suas raízes no próprio Deus, «fonte primária do ser, verdade essencial e bem supremo». A paz não é simplesmente ausência de guerra e tampouco um equilíbrio estável entre forças adversárias, mas se funda sobre uma correta concepção de pessoa humana e exige a edificação de uma ordem segundo a justiça e a caridade.”<sup>27</sup>

A história da humanidade é marcada por grandes períodos de guerras e conflitos. Atualmente, o direito à paz e os assuntos que lhe são intrínsecos estão na ordem do dia. Diariamente chegam até nós notícias de relatos de episódios de violência recorrentes, o que leva a uma reflexão sobre a sociedade em que vivemos e um período conturbado da ausência de paz, conforme refere José Ornelas:

“a reflexão sobre a paz ocupa lugar de destaque nas agendas internacionais e a busca dos princípios fundamentais do direito internacional revela-se de particular importância, no mundo globalizado e interativo em que vivemos.”<sup>28</sup>

A partir destas definições, podemos dizer que a paz é uma vivência individual ou coletiva que está intimamente ligada ao ser humano, no sentido da vivência de valores morais perspetivando o caminho do bem, do sentido de justiça e igualdade na humanidade.

Segundo o Teólogo Erico Hammes, “a paz exige uma grande conversão em si mesmo”<sup>29</sup>. Para Hammes a paz é um tema e uma vivência que deveria ser explorado nos

---

<sup>25</sup> P.MENESES, Dicionário Crítico de teologia, Edições Loyola, São Paulo, 2004, 1364.

<sup>26</sup> <http://www.paroquiaz.org/downloads/acolitos/livros/compendio.pdf>

<sup>27</sup> [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html)

<sup>28</sup> J.ORNELAS, A utopia da paz na Bíblia, in Cadernos ISTA (2000) 65.

<sup>29</sup> <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-02/papa-francisco-igreja-formacao-paz-teologo-erico-hammes.html>.

vários contextos sociais, partindo do interior da própria Igreja e alargando às várias instituições da sociedade, incluindo ou até, valorizando, as escolas.

A paz é um valor primordial, que se transmite não apenas por palavras mas parte sim de uma mudança de mentalidade. A transformação da forma de pensar só poderá acontecer quando se conseguir a transmissão da paz, que vem de dentro para fora.

Para Hammes a paz não é estática, mas sim um valor que precisa ser transmitido e trabalhado, concretamente na exploração e leitura da Bíblia. Afirma, pois, que “facilmente lemos o Evangelho como se ele fosse completamente voltado só para questões que são anímicas, isto é, questões de alma que não se refletem na existência correta do ser humano.”<sup>30</sup>

Partindo do pensamento do teólogo Erico Hammes, que nos incita a manusear a Sagrada Escritura, como ferramenta essencial para a vivência da paz, precisamos entender a paz no Antigo Testamento e Novo Testamento. O texto bíblico não nos dá uma definição concreta de paz nem é um tratado de paz. Posiciona-se sim perspetivando a intervenção salvífica de Deus na história.

Segundo José Ornelas, “a primeira constatação a fazer sobre o tratamento dado ao tema da paz, na tradição de Israel, tem a ver com o vocabulário, a começar pela noção fundamental de *shalôm*.”<sup>31</sup> “Fundamentalmente *shalôm* significa algo de completo, de acabado, de íntegro”<sup>32</sup>. A importância do termo *shalôm* para o nosso estudo recai, não pela extensão do termo em si, mas sim pela importância teológica que o mesmo assume no contexto da paz para o Antigo Testamento.

Refere este autor que “uma das mais frequentes utilizações do termo verifica-se nas fórmulas de saudação, como *shalôm lek*, ou simplesmente *shalôm*, que são as formas mais comuns de saudação, quando duas pessoas se encontram.”<sup>33</sup>

Segundo Ornelas, este termo assemelha-se às nossas expressões: “Como está? Sendo relacionado a um bem-estar da pessoa, que tem por base a saúde e os bens fundamentais da vida e este termo está sempre relacionado com o bem-estar na pessoa na globalidade.”<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> *Ibidem*.

<sup>31</sup> J.ORNELAS, A utopia da paz na Bíblia, in Cadernos ISTA (2000),66.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> *Ibidem*.

<sup>34</sup> *Ibidem*.

Assim, vemos como o conceito de paz, na tradição de Israel, vai mais além da ausência de guerra; “refere-se a realização da pessoa no conjunto harmónico das variadas dimensões da sua vida.”<sup>35</sup>

Acrescenta José Ornelas “O fruto da sabedoria é a paz, por isso, há que procurar essa medida justa de viver, feita de justiça, de bom senso e sobretudo de fidelidade à Lei e aos seus preceitos, pois ela é o princípio da verdadeira sabedoria.”<sup>36</sup> Segundo este estudioso, a paz no Antigo Testamento baseava-se na fidelidade aos mandamentos de Deus uma vez que a partir desta aliança de Deus com o seu povo a paz era garantida.<sup>37</sup>

Contudo e atendendo à época que nos referimos, nem sempre as guerras eram opositoras à paz desde que a vitória se traduzisse sobre os inimigos. Neste sentido, e no que concerne ao Antigo Testamento, a noção de paz é relativa, na medida que tem sempre como ponto de partida e de chegada o povo de Israel e não um conceito global de paz nas nações.<sup>38</sup>

Carreira das Neves, por seu lado, oferece-nos uma visão interessante de articulação entre Antigo Testamento e Novo Testamento:

“Tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento têm em vista a constituição, na Terra, de uma família, de homens e mulheres que vivam segundo princípios de «aliança» - aliança e testamento dizem o mesmo – de Deus com a humanidade. Os dois testamentos diferem pelo facto de o Deus do Novo Testamento se apresentar de maneira nova através do seu Filho – Messias -Salvador, Jesus de Nazaré”<sup>39</sup>

A paz no Antigo Testamento está interligada a uma aliança de Deus com o seu Povo; “o Novo Testamento não tem uma doutrina desenvolvida sobre a paz.”<sup>40</sup> A perspectiva bíblica do Novo Testamento acerca da paz não se debruça sobre estratégias de relacionamento entre estados mas sim no homem como ser humano no sentido da igualdade independentemente da linguagem ou raça.

José Ornelas Carvalho, acerca do entendimento da paz no Novo Testamento, diz-nos que “para entender o que o NT nos diz sobre a paz, tomaremos vários quadros, sem a preocupação de construir um pensamento muito articulado entre eles, mas procurando

---

<sup>35</sup> *Ibidem.*

<sup>36</sup> J.ORNELAS, A utopia da paz na Bíblia, 68.

<sup>37</sup> *Ibidem.*

<sup>38</sup> *Ibidem.*

<sup>39</sup> NEVES, CARREIRA, O que é a Bíblia, Casa das Letras, 2008, 21.

<sup>40</sup> J.ORNELAS, A utopia da paz na Bíblia, 83.

sublinhar os elementos fundamentais que cada um deles nos oferece para a construção da paz”.<sup>41</sup>

Segundo o autor, é no Evangelho de Lucas que o conceito de paz adquire uma importância decisiva, como expressão concreta da realização das promessas feitas por Deus a Israel<sup>42</sup>: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que ele ama (Lc 2,14).<sup>43</sup>

Na perspectiva de Lucas, com Jesus, o homem novo, nasce uma nova humanidade, que responde à sede de vida e de harmonia dos homens de todos os tempos.<sup>44</sup>O conceito de paz no Novo Testamento sugere-nos e remete para a igualdade e fraternidade entre povos, na pessoa de Jesus Cristo. “Ele é a plenitude da paz porque oferece a possibilidade de uma felicidade e de uma harmonia, que ultrapassam as barreiras dos povos, das culturas e da própria morte.”<sup>45</sup>

Para viver a paz, à luz do Novo Testamento, o Homem precisa antes de mais, preocupar-se com os problemas da humanidade e querer construir a paz. Neste sentido, “quem nunca empreender nada para não ter problemas, refugiando-se na sua paz, nunca entenderá a paz no evangelho.”<sup>46</sup>

## **2. Uma educação para a paz**

Nesta parte do nosso trabalho, iremos refletir brevemente sobre a importância que os textos bíblicos imprimem para uma educação para paz, em concreto o seu contributo pedagógico na Unidade Letiva 4 do 7º ano de escolaridade, “A Paz Universal”.

Depois de analisarmos a paz no seu conceito mais abrangente, de definirmos o conceito de paz numa perspectiva bíblica, iremos articular estes dois pontos numa perspectiva pedagógica, em concreto na disciplina de EMRC, independentemente desta reflexão ser também referida no capítulo III deste relatório e tal como essa mesma reflexão nos surgiu em termos da lecionação propriamente dita.

Que mensagens para a paz trazem estes textos sagrados à vida quotidiana dos nossos alunos? De que forma fazem refletir sobre uma sociedade que perspetiva a vivência da paz?

---

<sup>41</sup> J.ORNELAS, A utopia da paz na Bíblia, 84.

<sup>42</sup> *Ibidem.*

<sup>43</sup> *Ibidem.*

<sup>44</sup> *Ibidem.*

<sup>45</sup> *Ibidem.*

<sup>46</sup> *Ibidem.*

Muito se fala acerca dos tempos que se vivem e da paz nos diversos contextos sociais. Constantemente chega até nós atos de violência nas escolas, agressões em contexto familiar, atentados à dignidade humana e atos discriminatórios.

É comum ouvirmos que os jovens dos nossos tempos vivem centrados em si mesmos, alheados das relações humanas diretas e dos problemas sociais. Será o tempo do viver para si mesmo, focado cada um no seu mundo ou é missão dos educadores facultar-lhes outras oportunidades de crescimento, como uma emergente educação para a paz? Francine Fournier, na Conferência sobre a Educação para a Tolerância datada de 1995, dirigiu as suas palavras focando a importância da educação dos valores para a paz: “eu gostaria de salientar que os jovens têm que ser ensinados a fazer escolhas norteadas pela ética.”<sup>47</sup>

Acrescenta ainda a este propósito, que “a exploração da diversidade leva à descoberta da causa subjacente da unidade de todas as pessoas, dos objetivos e aspirações que partilhamos e da nossa esperança comum de um futuro com paz.”<sup>48</sup>

Diz-nos Guilherme d’Oliveira Martins:

“A paz exige conhecimento e eficácia das instituições, compreensão e clareza de objetivos sociais e políticos. A paz alcança-se procurando e descobrindo causas mobilizadoras comuns entre pessoas e as sociedades – abrindo caminho à responsabilidade cívica. A «cultura da paz» é assim, uma atitude, uma pedagogia e uma responsabilidade.”<sup>49</sup>

De acordo com Guilherme d’Oliveira Martins: “a Cultura da paz é, assim, uma atitude, uma pedagogia e uma responsabilidade.”<sup>50</sup> A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, assume na escola um papel importante, uma ação participativa na Comunidade Educativa na medida em que se distingue das demais pela sua especificidade própria. Neste sentido, diz-nos Isabel Vilaça:

“Muitas vezes, falando com os alunos que frequentam a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no ensino secundário, são os próprios a afirmar que a aula lhes abriu perspectivas novas, rasgou horizontes (...) acrescentam que a aula os tornou necessariamente pessoas mais conscientes, intervenientes e capazes de melhorar alguma coisa à sua volta.

---

<sup>47</sup> F.FOURNIER, “Comunicação da Diretora Geral Adjunta da Unesco para as Ciências Sociais e Humanas”, in, Educação para a Tolerância, Actas da Conferência, Lisboa, 1995, 23.

<sup>48</sup> *Ibidem*.

<sup>49</sup> G.MARTINS, “Tolerância, cidadania e cultura da paz” in, Educação para a tolerância, Actas da Conferência, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Lisboa, 1996,45,46.

<sup>50</sup> *Ibidem*.

Que os ajudou a compreender a mensagem cristã e a vivê-la numa atitude positiva, verdadeira, humana e solidária.”<sup>51</sup>

Concretamente para o nosso estudo salienta-se uma das finalidades da disciplina de EMRC: “conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos.”<sup>52</sup>

Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica diz-nos D. Tomaz Silva Nunes: “O Evangelho ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida; o Evangelho inspira valores de fé e de humanidade que tecem a história e a cultura da Europa.”<sup>53</sup>

Podemos compreender melhor esta chamada de atenção ao analisarmos o magistério da Igreja, nomeadamente as Mensagens papais para o Dia Mundial da Paz.

### **3. A paz nas mensagens dos Papas para o Dia Mundial da Paz**

Ao longo dos vários textos dos documentos do Magistério da Igreja, a palavra paz está intimamente ligada à fraternidade, à solidariedade e no cuidar do outro. Sendo a paz um tema sempre presente na doutrina da Igreja, foi proposto em 1968, pelo Papa Paulo VI, a criação do Dia Mundial da Paz, sendo festejado no primeiro dia de cada ano, não apenas para a comunidade cristã, mas para o mundo inteiro. A partir de então as mensagens tornaram-se importantes contributos, tendo em vista um apelo à paz em consonância com os problemas atuais que lhes são inerentes.

A primeira mensagem, no final da década de 60, foi a rampa de lançamento que marca a viragem vanguardista do Papa Paulo VI numa dinâmica de visão global, ou seja, uma mensagem dirigida a todos sem olhar a crenças religiosas, no intuito de responsabilizar todos pela vivência da paz através da liberdade, verdade, justiça e amor.

“A proposta de dedicar à Paz o primeiro dia do novo ano não tem a pretensão de ser qualificada como exclusivamente nossa, religiosa ou católica. Antes, seria para desejar que

---

<sup>51</sup> I.VILAÇA, “Pastoral Catequética Educação Moral e Religiosa Católica um valioso contributo para a formação da personalidade” in “os contextos pedagógicos e educativos da EMRC”, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2006,95.

<sup>52</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, “Pastoral Catequética – Educação Moral e Religiosa Católica um valioso contributo para a formação da personalidade”, Fátima, 2006,14.

<sup>53</sup> T.NUNES, “Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica” in Pastoral Catequética, Educação Moral e Religiosa Católica, Um valioso contributo para a formação da personalidade, secretariado Nacional da Educação Cristã,2006,75.

ela encontrasse a adesão de todos os verdadeiros amigos da Paz, como se se tratasse de uma iniciativa própria;”<sup>54</sup>

No período de 1968 a 1978, vários são os temas selecionados por Paulo VI para redigir as mensagens, nomeadamente, “ A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz”, Educar para a paz através da reconciliação”, “ Cada homem é meu irmão”, “ Se queres a paz, trabalha pela justiça”, “A paz é possível”, “ A paz também depende de ti”, “ A reconciliação, caminho para a paz”, “ As verdadeiras armas da paz”, “ Se queres a paz defende a vida” e “Não à violência, sim à paz”.

Podemos dizer que estas onze mensagens se traduzem num despertar das consciências humanas para valores morais onde a reconciliação assume um papel primordial.

Diz-nos Paulo VI:

“ E para vós, Irmãos e Filhos na mesma fé em Cristo, Nós acrescentaremos uma palavra mais, sobre o nosso dever, a que já Nos referíamos acima, de ensinar os homens a amarem-se, a reconciliarem-se e a perdoarem-se mutuamente.”<sup>55</sup>

“ E para vós, Irmãos e Filhos na mesma fé em Cristo, Nós acrescentaremos uma palavra mais, sobre o nosso dever, a que já Nos referíamos acima, de ensinar os homens a amarem-se, a reconciliarem-se e a perdoarem-se mutuamente.”<sup>56</sup>

Não compete ao Homem julgamentos sobre os atos, mas sim educar no sentido do perdão, pois a paz é possível. Este é o tema que Paulo VI assumiu para o ano de 1973, assumindo o papel de defensor de todos quantos são vítimas de injustiças, num apelo à fé e numa mudança de atitude. Segundo o autor não podemos ter a pretensão de já saber tudo sobre a paz “Não vos recuseis a ouvir-Nos, apesar de conhecerdes já, ou estardes convencidos de conhecer, tudo aquilo que diz respeito a este tema.”<sup>57</sup>

Paulo VI dirige as suas mensagens sob um olhar mundial, tendo em vista alcançar um consenso no mundo civil e, para isso, as suas reflexões são baseadas em momentos da história de mudanças culturais que aconteceram nos anos setenta na Europa.

---

<sup>54</sup> PAULO VI, MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI PARA A CELEBRAÇÃO DO I DIA MUNDIAL DA PAZ 1968, Libreria Editrice Vaticana,1967.

<sup>55</sup> PAULO VI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI PARA A CELEBRAÇÃO DO III DIA MUNDIAL DA PAZ, 1970” Libreria Editrice Vaticana,1969.

<sup>56</sup> PAULO VI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI PARA A CELEBRAÇÃO DO III DIA MUNDIAL DA PAZ, 1970” Libreria Editrice Vaticana,1969.

<sup>57</sup> PAULO VI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI PARA A CELEBRAÇÃO DO III DIA MUNDIAL DA PAZ, 1973” Libreria Editrice Vaticana,1972.

Paulo VI vai mais além dirigindo-se mesmo aos líderes e instituições internacionais, nomeadamente à Organização das Nações Unidas, no sentido de promover a paz sem cair numa caridade superficial, mas sim atuando de forma ativa com sentido de justiça nas condições sociais, políticas e económicas. Para além das organizações internacionais, cujas responsabilidades são chamadas a um nível mundial, é interessante salientar que os jovens não ficam fora dos seus intentos.

Diz-nos Paulo VI, em 1969, sobre o tema “a promoção dos direitos do homem, caminhos para a paz, a toda a juventude que se rebela, na ânsia de uma renovação mundial, com um brado humilde e livre.”<sup>58</sup>

A vivência da paz é assim um compromisso de todos e está intimamente ligada aos direitos humanos e à sua promoção. Não basta apenas conhecê-los, mas sim viver cada um no seu concreto. Sendo todos os homens responsáveis pela defesa dos direitos humanos, há uma responsabilidade acrescida para os cristãos, a qual é notória na mensagem de 1969:

“A Paz é o primeiro efeito desta nova economia, a que nós chamamos a Graça; «graça e paz» repete o Apóstolo; é um dom de Deus, que se torna estilo da vida cristã, é uma fase messiânica, que reflete a sua luz e a sua esperança também sobre a cidade temporal e que fortalece com razões bem mais elevadas aquelas mesmas razões sobre as quais ela assenta a sua paz.”<sup>59</sup>

A década de 60/70 é marcada por um período de pós II Guerra Mundial, acontecimento que marcou a história da humanidade pelas atrocidades cometidas contra a dignidade da vida humana, violência política e terrorismo.

As mensagens da paz neste período de tempo estão orientadas para a temática da reconciliação entre os povos e na educação como principais fundamentos para a vivência da paz.

Note-se que em 1970 o tema escolhido foi: “Educação para a paz mediante a reconciliação” a qual se inicia com uma interpelação pertinente “ao alvorecer deste novo ano de 1970, pensai por um instante: para onde se dirige o caminhar da humanidade?”<sup>60</sup>

O verdadeiro sentido da vivência da paz é fundamentado sobre os valores da justiça e no sentido do respeito pela dignidade humana; se a verdadeira reconciliação entre os

---

<sup>58</sup> PAULO VI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI PARA A CELEBRAÇÃO DO III DIA MUNDIAL DA PAZ, 1969” Libreria Editrice Vaticana, 1968.

<sup>59</sup> *Ibidem*.

<sup>60</sup> PAULO VI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI PARA A CELEBRAÇÃO DO III DIA MUNDIAL DA PAZ, 1970” Libreria Editrice Vaticana, 1969.

Homens não existir baseada no dogma fundamental da fraternidade humana, o caminho da humanidade não poderá ser o da igualdade e respeito.

Neste sentido Paulo VI apela nas suas mensagens a uma tomada de consciência individual. A paz é um tema universal que começa por se viver nas ações concretas de cada um. Podemos constatar isso quando, em 1974, Paulo VI nos dirige a sua mensagem intitulada “A paz também depende de ti”: “a Paz é possível, se cada um de nós a quiser; por outras palavras, se cada um de nós amar a Paz, educar e formar a própria mentalidade para a Paz, defender a Paz e trabalhar pela Paz. Cada um de nós deve ouvir na própria consciência o obrigatório apelo.”<sup>61</sup>

Após o pontificado de Paulo VI, seguiu-se João Paulo II, entre o ano de 1979 e 2005, que dando continuidade ao legado do seu antecessor, nos deixa vinte e sete mensagens que constituem, pelo seu conteúdo, um património teológico, cultural e ético de valor incalculável. As temáticas abordadas pelo autor recaem todas elas sobre o valor de uma vida humana livre norteada pela dignidade do ser humano e seus direitos fundamentais. Pela sua sapiência e profundidade, são textos que não perderam a sua atualidade e que contém o propósito de refletir na importância da Igreja para a edificação da paz. João Paulo II escolhe o tema da educação e em 1979 dirige particulares palavras aos pais, educadores e jovens:

“Pais e educadores: ajudai as crianças e os jovens a fazerem a experiência da paz nas mil e uma ações quotidianas que estão ao seu alcance: na família, na escola, nos jogos, na camaradagem, no trabalho de grupo, nas competições desportivas e nas múltiplas conciliações e reconciliações necessárias. (...) Jovens: sede construtores de paz.”<sup>62</sup>

Os temas da verdade e liberdade foram escolhidos no ano de 1980 e 1981, respetivamente, indo de encontro às tensões mundiais que se faziam sentir nessa época. Em 1982, João Paulo II reflete sobre a paz como dom de Deus, englobando e responsabilizando todos pela vivência da paz no mundo, dirigindo-se aos jovens, homens e mulheres e governantes das nações por igual.

“Esta ordem racional e moral assenta precisamente na decisão da consciência dos seres humanos em busca da harmonia nas suas relações recíprocas, sobre a base do respeito da justiça para todos e, por conseguinte, dos direitos humanos fundamentais inerentes a cada

---

<sup>61</sup> PAULO VI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI PARA A CELEBRAÇÃO DO III DIA MUNDIAL DA PAZ, 1974” Libreria Editrice Vaticana, 1973.

<sup>62</sup> JOÃO PAULO II, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA JOÃO PAULO II PARA A CELEBRAÇÃO DO XII DIA MUNDIAL DA PAZ, 1979” Libreria Editrice Vaticana, 1978.

pessoa. E não se vê como é que esta ordem moral poderia abstrair de Deus, fonte primeira do ser, verdade essencial e bem supremo.”<sup>63</sup>

Em 1983 o tema é o diálogo, e em 1984 a guerra e a paz. Em 1985, 1986 e 1987, os temas escolhidos por João Paulo II são os jovens, as relações norte-sul e este-oeste bem como o desenvolvimento e solidariedade, respetivamente.

Salientamos que o ano de 1986 é pautado pela inauguração das Jornadas Mundiais da Juventude. Assim, em 1985, João Paulo II orienta a sua mensagem muito particularmente para a juventude “Hoje, porém, desejaria chamar a vossa atenção para o papel que a juventude está destinada a desempenhar nos esforços para promover a paz.”<sup>64</sup> A esperança depositada nos jovens nesta carta é de um dinamismo contagiante na qual sentimos o forte apelo de não ficar indiferentes aos flagelos sociais, incentivando a camada mais jovem da sociedade a agir no sentido de caminhar para a paz.

“Não tenhais medo! Quando olho para vós, os jovens, sinto uma profunda gratidão e uma grande esperança. O futuro de boa parte do século que se aproxima está nas vossas mãos. O futuro da paz está nos vossos corações. Para construir a história, como vós podeis e deveis fazer, é preciso que a livreis dos falsos caminhos por que ela está a enveredar. E para conseguir isso deveis ter uma profunda confiança no homem e uma profunda confiança na grandeza da vocação humana - uma vocação que deve ser realizada com respeito pela verdade, pela dignidade e pelos direitos invioláveis da pessoa humana.”<sup>65</sup>

A liberdade religiosa, as minorias e a ecologia são os temas dos anos 1988, 1989 e 1990, respetivamente. A consciência, a oração, os pobres, a família, a mulher e as crianças são os temas que escolhe para os anos de 1991, 1992, 1993, 1994, 1995 e 1996. Em 1997, 1998 e 1999, João Paulo II reflete sobre os temas do perdão, da justiça e dos direitos humanos.

Em 2000 faz uma reflexão mais generalista sobre as várias vertentes da paz, realçando positivamente todos os que se empenham na causa da dignidade humana, que conseqüentemente nos traz a vivência da paz mundial. Acrescentamos as sábias palavras de João Paulo II, que não limita o seu discurso a apontar o que aconteceu de errado, mas

---

<sup>63</sup> JOÃO PAULO II, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA JOÃO PAULO II PARA A CELEBRAÇÃO DO XV DIA MUNDIAL DA PAZ, 1982” Libreria Editrice Vaticana, 1981.

<sup>64</sup> JOÃO PAULO II, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA JOÃO PAULO II PARA A CELEBRAÇÃO DO XVIII DIA MUNDIAL DA PAZ, 1985” Libreria Editrice Vaticana, 1984.

<sup>65</sup> Ibidem.

sim a incentivar à paz, destacando ações importantes da humanidade, que vão lentamente mudando a mentalidade da humanidade.

“No cenário de guerra do século XX, a honra da humanidade foi salva por aqueles que falaram e trabalharam em nome da paz. É forçoso recordar quantos — e são inúmeros — contribuíram para a afirmação dos direitos humanos e a sua solene proclamação, para a derrota dos totalitarismos, para o fim do colonialismo, para o avanço da democracia, para a criação de grandes organismos internacionais.”<sup>66</sup>

Em 2001 volta ao tema do diálogo. Em 2002 reflete sobre a justiça e o perdão. Em 2003 o tema central é a herança da Encíclica *Pacem in Terris*, de João XXIII, publicada em 1963. Em 2004 elege novamente o tema da educação, escolhido no ano de 1979.

“Neste dever de educar para a paz, insere-se com particular urgência a necessidade de levar os indivíduos e os povos a respeitarem a ordem internacional e a observarem os compromissos assumidos pelas Autoridades, que legitimamente os representam. A paz e o direito internacional estão intimamente ligados entre si: o direito favorece a paz.”<sup>67</sup>

A última mensagem do pontificado de João Paulo II, em 2005, reflete sobre o mal, o bem e o amor. Podemos constatar das mensagens deixadas que, ao longo da caminhada do seu pontificado, João Paulo II apelou às influências nacionais e internacionais na promoção da paz, fundamentada sempre no diálogo, solidariedade, dignidade humana, assim como num grande sentido de justiça.

No período entre 2006 e 2013, seguiu-se o pontificado do Papa Bento XVI, dos quais os temas escolhidos são: “Na verdade, a Paz”, “A Pessoa Humana, coração da Paz”, “Família Humana: Comunidade de Paz”, “Combater a pobreza, construir a Paz”, “Se quiser cultivar a Paz, preserve a criação”, “Liberdade Religiosa, caminho para a Paz”, “Educar os jovens para a Justiça e para a Paz” e “Bem-aventurados os construtores de Paz”, respetivamente.

As oito mensagens redigidas por Bento XVI abordam temas pertinentes, atuais e refletem as preocupações do autor nos atentados à paz. Nos anos de 2007 e 2008, Bento XVI evidencia a pessoa humana valorizando o papel da família como educador principal da paz, “A própria comunidade social, para viver em paz, é chamada a inspirar-se nos

---

<sup>66</sup>JOÃO PAULO II, “*MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA JOÃO PAULO II PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXIII DIA MUNDIAL DA PAZ, 2000*” Libreria Editrice Vaticana, 1999.

<sup>67</sup>JOÃO PAULO II, “*MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA JOÃO PAULO II PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXVII DIA MUNDIAL DA PAZ, 2004*” Libreria Editrice Vaticana, 2003.

valores por que se rege a comunidade familiar.”<sup>68</sup> Assim, podemos dizer que para o autor a base sólida da educação para os valores humanos está na família, sendo a grande impulsionadora da paz na humanidade.

Segundo Miguel Morgado, “Bento XVI apela a uma nova conceção de cooperação e coordenação entre os povos do mundo para a resolução de problemas como a pobreza e a fome, os conflitos militares ou a opressão de minorias étnicas ou religiosas.”<sup>69</sup>

Esta linha orientadora é consolidada quando, em 2009, Bento XVI dirige as suas palavras para a necessidade de combater a pobreza para a construção da paz, enunciando a globalização que traz para a sociedade um conjunto de mudanças sociais, políticas que podem ser contributos válidos para a paz mundial. “Uma das estradas mestras para construir a paz é uma globalização que tenha em vista os interesses da grande família humana.”<sup>70</sup>

O tema educação e jovens tomaram um lugar importante nos anos vindouros sendo que a educação foi tema pertinente para Bento XVI. Concretamente em 2012, as suas palavras são canalizadas para importância da educação dos jovens para os valores humanitários estando essa responsabilidade na esfera familiar, educacional, religiosa e política.

Neste sentido, o Papa emérito diz-nos que:

“A minha Mensagem dirige-se também aos pais, às famílias, a todas as componentes educativas, formadoras, bem como aos responsáveis nos diversos âmbitos da vida religiosa, social, política, económica, cultural e mediática. Prestar atenção ao mundo juvenil, saber escutá-lo e valorizá-lo para a construção dum futuro de justiça e de paz não é só uma oportunidade, mas um dever primário de toda a sociedade.”<sup>71</sup>

Podemos dizer que, para Bento XVI, à semelhança dos seus antecessores, a esperança de um mundo mais justo norteado por valores humanos, está nas mãos da juventude, pelo que é de extrema importância realçar a importância de uma educação de fundamentos humanitários, não apenas fazendo se passar pela escola ou família mas sim a todas as instituições para que a paz seja um acontecimento universal.

---

<sup>68</sup> BENTO XVI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA BENTO XVI PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXVII DIA MUNDIAL DA PAZ, 2008” Libreria Editrice Vaticana, 2007.

<sup>69</sup> M.MORGADO, “Notas breves sobre a política no pontificado de Bento XVI” in Didaskalia XL (2010) 78.

<sup>70</sup> BENTO XVI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA BENTO XVI PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXVII DIA MUNDIAL DA PAZ, 2008” Libreria Editrice Vaticana, 2007.

<sup>71</sup> BENTO XVI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA BENTO XVI PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXVII DIA MUNDIAL DA PAZ, 2012” Libreria Editrice Vaticana, 2011.

Bento XVI fecha o seu pontificado no ano de 2013, deixando que a sua última mensagem recaía sobre a paz e os seus construtores. E inicia a sua mensagem com palavras entusiastas e otimistas: “Cada ano novo traz consigo a expectativa de um mundo melhor. Nesta perspectiva, peço a Deus, Pai da humanidade, que nos conceda a concórdia e a paz a fim de que possam tornar-se realidade, para todos, as aspirações duma vida feliz e próspera.”<sup>72</sup>

Esta sua mensagem é um apelo à paz não focando nos aspetos mais escuros da humanidade mas sim nos atos bons que o Homem também tem a capacidade de exercer.

“E no entanto as inúmeras obras de paz, de que é rico o mundo, testemunham a vocação natural da humanidade à paz. Em cada pessoa, o desejo de paz é uma aspiração essencial e coincide, de certo modo, com o anelo por uma vida humana plena, feliz e bem sucedida.”<sup>73</sup>

Para Bento XVI “o homem é feito para a paz que é dom de Deus.”<sup>74</sup> Assim o autor na mensagem de 2013 deixa-nos um apelo ao sentido cristão da vida, referindo a importância que o Evangelho assume para a vivência da paz, que não é nada mais do que viver o mandamento do amor que Jesus Cristo nos deixou, “A realização da paz depende sobretudo do reconhecimento de que somos, em Deus, uma única família humana.”<sup>75</sup>

No período compreendido entre 2014 até à atualidade, encontramos seis mensagens do Pontificado de Papa Francisco sendo os temas escolhidos, “Fraternidade, fundamento e caminho para a paz”, “Não mais escravos, mas irmãos”, “Vence a indiferença e conquista a paz”, “A não-violência: estilo de uma política para a Paz”, “Migrantes e refugiados: homens e mulheres em busca de paz” e “Boa política está ao serviço da paz.”

As palavras de Papa Francisco na sua primeira mensagem vão ao encontro da vivência da fraternidade como caminho para a paz. À semelhança de Bento XVI também Francisco atribui um papel preponderante na transmissão dos valores da paz à família:

“A família é a fonte de toda a fraternidade, sendo por isso mesmo também o fundamento e o caminho primário para a paz, já que, por vocação, deveria contagiar o mundo com o seu amor. A família é a fonte de toda a fraternidade, sendo por isso mesmo também o fundamento

---

<sup>72</sup> BENTO XVI, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA BENTO XVI PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXVII DIA MUNDIAL DA PAZ, 2013” Libreria Editrice Vaticana, 2012.

<sup>73</sup> *Ibidem.*

<sup>74</sup> *Ibidem.*

<sup>75</sup> *Ibidem.*

e o caminho primário para a paz, já que, por vocação, deveria contagiar o mundo com o seu amor.”<sup>76</sup>

Viver a fraternidade é aceitar o outro como irmão. É neste sentido que Francisco apela a viver a paz baseada no diálogo e na entre ajuda, evitando o fecharmo-nos em nós mesmos. Vai mais além nas suas pretensões na sua proposta de paz, ver em todos um irmão, concretamente naqueles que praticam atos violentos: “Desejo dirigir um forte apelo a quantos semeiam violência e morte, com as armas: naquele que hoje considerais apenas um inimigo a abater, redescobri o vosso irmão e detende a vossa mão!”<sup>77</sup>

Em 2015, Papa Francisco inicia a sua mensagem recordando as palavras do ano anterior:

“Contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar». Contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar».”<sup>78</sup>

Nesta mensagem é abordado um tema pioneiro, a escravidão; Papa Francisco toca num dos pontos mais sensíveis de ausência de paz, a prepotência humana em querer dominar, sentindo-se com poder para agir perante seres humanos como se de uma propriedade se tratasse. Se outrora esse gesto foi lei, atualmente os direitos humanos salvaguardam essas situações, que infelizmente ainda continuam presentes. Diz-nos Papa Francisco:

“Mas, apesar de a comunidade internacional ter adoptado numerosos acordos para pôr termo à escravatura em todas as suas formas e ter lançado diversas estratégias para combater este fenómeno, ainda hoje milhões de pessoas – crianças, homens e mulheres de todas as idades – são privadas da liberdade e constrangidas a viver em condições semelhantes às da escravatura.”<sup>79</sup>

Esta mensagem traz-nos um convite à vivência da fraternidade, no sentido de agir no concreto da vida, no fazer o bem ao outro como verdadeiro irmão. Francisco apela a

---

<sup>76</sup> FRANCISCO, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO XLVII DIA MUNDIAL DA PAZ, 2014” Libreria Editrice Vaticana, 2013.

<sup>77</sup> *Ibidem.*

<sup>78</sup> FRANCISCO, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO XLVIII DIA MUNDIAL DA PAZ, 2015” Libreria Editrice Vaticana, 2014.

<sup>79</sup> *Ibidem.*

todos que possamos ir ao encontro dos mais necessitados e viver a paz no mais simples gesto humano, “praticando no dia-a-dia pequenos gestos como dirigir uma palavra, trocar um cumprimento, dizer «bom dia» ou oferecer um sorriso.”<sup>80</sup>

No ano de 2017 a mensagem de Francisco reflete sobre a não-violência. Por certo, desde a primeira mensagem da Paz com Paulo VI, a violência foi tema presente, contudo assume contornos diferentes nesta mensagem. A história da humanidade está marcada por guerras, atos atrozés e atentados contra a dignidade humana.

Papa Francisco é claro na sua intenção, dirigindo as suas palavras ao coração de cada um “peço a Deus que nos ajude, a todos nós, a inspirar na não-violência as profundezas dos nossos sentimentos e valores pessoais. Sejam a caridade e a não-violência a guiar o modo como nos tratamos uns aos outros nas relações interpessoais, sociais e internacionais.”<sup>81</sup>

Segundo Papa Francisco, a paz deve ser um estilo de vida a adotar por cada um, pois só adotando uma postura de não-violência pode combater as guerras. Papa Francisco não se refere apenas a guerras de armamento, mas sim a atitudes violentas que não contribuem em nada para a paz. “Responder à violência com a violência leva (...) No pior dos casos, pode levar à morte física e espiritual de muitos, se não mesmo de todos.”<sup>82</sup>Francisco apela à vivência da paz interior “porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos» (Marcos 7, 21).”<sup>83</sup>

Encontramos também nas palavras do Papa Francisco referências a grandes personalidades que marcaram pela diferença com as suas atitudes pacifistas nomeadamente Madre Teresa de Calcutá, Martin Luther King. À semelhança de Papa Bento XVI também o Papa Francisco ressalta a importância da família, de uma educação primária para os valores morais e refere ainda, o flagelo social que assola a sociedade contemporânea, a violência doméstica. O autor vai mais além, convida cada um a viver ao estilo de Jesus, seguindo os ensinamentos do Evangelho.

“O próprio Jesus nos oferece um «manual» desta estratégia de construção da paz no chamado Sermão da Montanha. As oito Bem-aventuranças (cf. *Mateus* 5, 3-10) traçam o perfil da

---

<sup>80</sup> *Ibidem.*

<sup>81</sup> FRANCISCO, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO 50º DIA MUNDIAL DA PAZ, 2017” Libreria Editrice Vaticana, 2016.

<sup>82</sup> *Ibidem.*

<sup>83</sup> *Ibidem.*

pessoa que podemos definir feliz, boa e autêntica. Felizes os mansos – diz Jesus –, os misericordiosos, os pacificadores, os puros de coração, os que têm fome e sede de justiça.”<sup>84</sup>

Em 2018, Papa Francisco escolhe um tema que até então nunca tinha sido abordado em nenhuma das mensagens “Migrantes e refugiados: homens e mulheres em busca de paz”. Papa Francisco faz uma chamada de atenção à situação vivida por mais de 250 milhões de migrantes pelo mundo, entre os quais 22 milhões e meio são refugiados. Afirma-nos que: “com espírito de misericórdia, abraçamos todos aqueles que fogem da guerra e da fome ou se veem constrangidos a deixar a própria terra por causa de discriminações, perseguições, pobreza e degradação ambiental.”<sup>85</sup>

Papa Francisco faz uma reflexão sobre qual o motivo deste flagelo social e recorda que em 2000, o Papa João Paulo II inclui o aumento do número de refugiados aos efeitos das guerras, conflitos, genocídios e “limpezas étnicas” que caracterizaram o século XX.

Acrescenta que não houve mudanças no novo século, pelo que os conflitos armados e outras formas de violência continuam presentes e a causar estas deslocções dos países ou fora deles. Refere ainda que uma grande maioria parte em busca de uma vida melhor.

“As pessoas partem para se juntar à própria família, para encontrar oportunidades de trabalho ou de instrução: quem não pode gozar destes direitos, não vive em paz. Além disso, como sublinhei na Encíclica *Laudato si'*, «é trágico o aumento de migrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental.”<sup>86</sup>

Papa Francisco convida a um olhar contemplativo da situação, apelando a um olhar de confiança para que possamos descobrir a oportunidade de construir um futuro de paz. Fala-nos de agir a partir de estratégias que estejam em consonância com o acolher, proteger, promover e integrar. Conclui a sua mensagem recordando Santa Francisca Xavier Cabrini, padroeira dos migrantes.

“Esta pequena grande mulher, que consagrou a sua vida ao serviço dos migrantes tornando-se depois a sua Padroeira celeste, ensinou-nos como podemos acolher, proteger, promover e integrar estes nossos irmãos e irmãs. Pela sua intercessão, que o Senhor nos conceda a todos fazer a experiência de que «o fruto da justiça é semeado em paz por aqueles que praticam a paz».”<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> *Ibidem*.

<sup>85</sup> FRANCISCO, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO 51º DIA MUNDIAL DA PAZ, 2018” Libreria Editrice Vaticana, 2017.

<sup>86</sup> *Ibidem*.

<sup>87</sup> *Ibidem*.

“A boa política está ao serviço da paz”, é o tema da mensagem de Papa Francisco para o ano de 2019, destacando que a política é um meio fundamental para construir a cidadania. No entanto, corre-se o risco de se tornar num instrumento de opressão, marginalidade bem como destruição pois nem sempre as pessoas que o exercem não o fazem como serviço à comunidade.

“Oferecer a paz está no coração da missão dos discípulos de Cristo. E esta oferta é feita a todos os homens e mulheres que, no meio dos dramas e violências da história humana, esperam na paz”<sup>88</sup>

À Semelhança da mensagem anterior, Papa Francisco cita o Cardeal vietnamita Francisco Xavier Nguyen Van Thuan, lembrando as “bem-aventuranças do político” ou seja, a tomada de consciência, a credibilidade e o trabalho no sentido do bem comum.

“Duma coisa temos a certeza: a boa política está ao serviço da paz; respeita e promove os direitos humanos fundamentais, que são igualmente deveres recíprocos, para que se teça um vínculo de confiança e gratidão entre as gerações do presente e as futuras”.<sup>89</sup>

Papa Francisco faz uma reflexão acerca de alguns vícios da política, que só por si tiram a credibilidade do ideal de uma sociedade democrática. Enumera a corrupção, negação do direito, falta de respeito pelas regras comunitárias, enriquecimento ilegal, justificação do poder pela força, tendência de perpetuar o poder, racismo e xenofobia. “São a vergonha da vida pública e colocam em perigo a paz social”, afirma o Papa.”<sup>90</sup>Francisco conclui a sua mensagem dando ênfase ao sentido da paz, que é fruto de um projeto político grandioso, baseado na responsabilidade mútua e interdependência do Homem.

A paz é um desafio que precisa ser vivido todos os dias e para que isso aconteça há três dimensões que não se podem dissociar da paz interior e da paz comunitária: a paz consigo mesmo, a paz com o outro e a paz pela criação.

“A política da paz, que conhece bem as fragilidades humanas e delas se ocupa, pode sempre inspirar-se ao espírito do *Magnificat* que Maria, Mãe de Cristo Salvador e Rainha da Paz, canta em nome de todos os homens: A «misericórdia [*do Todo-Poderoso*] estende-se de geração em geração sobre aqueles que O temem. Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes (...) lembrados da

---

<sup>88</sup> FRANCISCO, “MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO 52º DIA MUNDIAL DA PAZ, 2019” Libreria Editrice Vaticana, 2018.

<sup>89</sup> *Ibidem*.

<sup>90</sup> *Ibidem*.

sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre» (Lc 1, 50-55).”<sup>91</sup>

## **CAPÍTULO II – A PRÁTICA DO ENSINO PEDAGÓGICO SUPERVISIONADA**

### **1. Breve olhar sobre a tarefa educativa da Educação Moral e Religiosa Católica na escola perspetivando a escola inclusiva**

Neste ponto reflexivo, aborda-se a importância da disciplina de EMRC, o seu contributo para a formação integral do aluno e de que forma pode ser um meio para viver a inclusão nas escolas.

Diz-nos a Conferência Episcopal Portuguesa que,

“A educação moral e religiosa presta um valioso contributo na formação da personalidade na medida em que ajuda a descobrir o projecto divino sobre a pessoa, sobre a vida humana e sobre a sociedade.”<sup>92</sup>

O currículo escolar nos vários ciclos de ensino apresenta um alargado leque de conteúdos onde são transmitidos os conhecimentos essenciais para o desenvolvimento do aluno. Segundo D. Tomaz Silva Nunes:

---

<sup>91</sup> *Ibidem.*

<sup>92</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral “*Educação Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*”, Lisboa, 2002, 8.

“O currículo programa-se tendo por base a articulação orgânica de três factores fundamentais: a sociedade, que tem uma história, instituições, valores dominantes, necessidades próprias e opções económicas, culturais e políticas.”<sup>93</sup>

Acrescenta:

“Não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana; a componente religiosa é um factor insubstituível para o crescimento humano em liberdade e responsabilidade.”<sup>94</sup>

A Disciplina de EMRC torna-se assim um complemento no currículo escolar na medida em que aborda os conteúdos conferindo-lhes uma característica que a torna única, “o Evangelho inspira valores de fé e de humanidade que tecem a história e a cultura da Europa.”<sup>95</sup>

Sendo uma disciplina de carácter facultativo, é de oferta obrigatória, pelo que a opção da frequência é decidida pelos encarregados de educação, tendo em conta a opinião do aluno. Segundo a Conferência Episcopal Portuguesa,

“A EMRC tem como grande finalidade a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projecto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores enraizados na tradição cultural portuguesa.”<sup>96</sup>

Diz-nos Isabel Vilaça que “Educar é ajudar a crescer de forma integral e global.”<sup>97</sup> A disciplina de EMRC vai de encontro a este propósito focando uma educação alicerçada nos valores cristãos e no respeito mútuo. Acrescenta ainda “na sociedade do não me comprometas, é preciso haver quem assuma compromissos, não tendo receio de ser diferente, adotando uma nova cultura baseada nos valores da vida enquanto forma de viver”.<sup>98</sup>

Sendo o tema principal deste nosso relatório a vivência da paz em meio escolar, perspetivando a escola inclusiva, é pertinente esta reflexão acerca da disciplina de EMRC para que possamos entender de que forma é que, a partir desta, podemos tocar as crianças

---

<sup>93</sup> T.NUNES, “Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica”, Pastoral Catequética 5 (2006) 75.

<sup>94</sup> *Ibidem*, 77.

<sup>95</sup> *Ibidem*, 77.

<sup>96</sup> *Ibidem* 79.

<sup>97</sup> *Ibidem* 89.

<sup>98</sup> *Ibidem* 91.

e jovens na vivência de valores direcionados para boas práticas na sociedade, em concreto no meio escolar.

## **2. Contextualização Da Prática de Ensino Supervisionada**

### **2.1. Caracterização da Escola Salesiana de Manique**

A Escola Salesiana de Manique (ESM) é uma escola particular, com regime misto, que recebe alunos da zona atribuída pelo Ministério da Educação ao abrigo do contrato de associação celebrado, havendo ainda a possibilidade de se frequentar esta instituição através da lecionação paga. “A escola desenvolve uma proposta educativa desde o 2º ciclo até ao Ensino Secundário, num total de 67 turmas.”<sup>99</sup> “É frequentada por 1926 alunos, sendo 1564 abrangidos pelo contrato de associação e os restantes 362 alunos frequentam esta escola no âmbito da lecionação paga.”<sup>100</sup>

O corpo docente da ESM é formado por 120 professores profissionalizados e 98 funcionários. Também integram a ESM dois psicólogos, um professor de educação especial, uma associação de estudantes, uma associação de pais e os órgãos diretivos.

“A entidade titular é o Centro Educativo Salesiano – IPSS, com sede na Rua dos Salesianos, 1 Manique de Baixo - Alcabideche, que se faz representar pelo seu Presidente, que em conjunto com outros Salesianos colaboradores, é o garante da identidade salesiana da escola.”<sup>101</sup>

A ESM é uma instituição popular, inclusiva, livre e aberta a todas as classes sociais, onde se educa em dinâmica relacional e de partilha, mediante um Projeto Educativo específico inspirado no humanismo cristão no qual participam de forma corresponsável todos os membros da Comunidade Educativa.

O Projeto Educativo da ESM “procura traduzir a identidade da Escola Salesiana de Manique cuja missão é a promoção integral da pessoa, onde se procura o crescimento e o amadurecimento de cada aluno em todas as suas dimensões, através de uma educação que se caracteriza pelo espírito de família, pelo clima de alegria, pelo sentido de festa e pela participação criativa, utilizando o ambiente educativo, como veículo e proposta de

---

<sup>99</sup> Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014, 4.

<sup>100</sup> Plano de Desenvolvimento Curricular 16/17 /Salesianos de Manique – Escola, 7

<sup>101</sup> Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014, 4.

valores.”<sup>102</sup> “Este Projeto Educativo encontra-se assim centrado na relação professor-aluno aliada à trilogia preventiva Salesiana (Razão, Religião e Amabilidade), onde o seu principal objetivo passa pela formação de “Bons Cristãos e Honestos Cidadãos”.<sup>103</sup>

Segundo Richard Arens,

“ O princípio referido anteriormente da corresponsabilidade e participação de todos os elementos da comunidade educativa na atividade educativa, é favorável à aprendizagem dos alunos que “não depende apenas do que os professores fazem nas aulas, é também muito influenciada pelo que os professores e os pais fazem em conjunto.”<sup>104</sup>

“A escola não é somente um local onde os alunos aprendem, é também um espaço onde adultos exercem uma diversidade de papéis educacionais. De acordo com o ideário salesiano, a educação ministrada na ESM é marcada pela inspiração cristã, pois a escola “educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens. Reúne em si uma síntese coerente e desenvolvida dos valores evangélicos, das orientações do magistério e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no método pedagógico de S. João Bosco. Neste sentido, valoriza a “personalização” das relações educativas mediante a presença de educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles”<sup>105</sup>

A pedagogia salesiana é uma pedagogia prática, baseada sobretudo no contacto entre educadores e jovens e na relação que entre eles se estabelece como já foi referido.

“Aconteceu assim no tempo do Santo Fundador, assim continua a ser atualmente. D. Bosco amou ao infinito cada jovem, em especial, os mais pobres. O essencial da pedagogia salesiana reside, porém, no facto da educação ser "coisa do coração": a isso se resume, afinal, o método educativo dos Salesianos, tendo sido assumido como lema da escola.”<sup>106</sup>

Através da consulta do Plano Anual de Atividades é possível observar a importância da Pastoral na comunidade educativa. A sua presença faz-se notar diariamente no acolhimento aos alunos com os “Bons dias”, uma proposta de reflexão e oração, a realizar no início da primeira aula da manhã; nas festas da escola em torno de São João Bosco e de

---

<sup>102</sup> *Ibidem*, 3.

<sup>103</sup> *Ibidem*, 5.

<sup>104</sup> *Ibidem*.

<sup>105</sup> Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014, 4.

<sup>106</sup> Plano de Desenvolvimento Curricular 16/17 /Salesianos de Manique – Escola, 6.

Maria Auxiliadora; nos encontros no âmbito do movimento juvenil salesiano; nas atividades de voluntariado, de aprofundamento da fé e nos encontros vocacionais.

Fiel ao seu ideário e missão, tomando como referentes os pressupostos da Lei de Bases do Sistema Educativo, “a ESM deseja orientar a sua ação educativa conforme os seguintes princípios”<sup>107</sup>: centralidade do aluno - o aluno está no centro do ato educativo, favorecendo uma formação integral e uma aprendizagem de saberes e valores em função da sua vida; ambiente educativo, marcado pelo espírito de família - toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, de modo que todos, alunos, pais, professores, pessoal auxiliar, salesianos, colaborem e se encontrem na escola como na sua própria casa; proximidade educativa - os educadores participam na vida dos jovens e disponibilizam-se para estar com eles, dentro e fora da sala de aula. Promove-se a presença na vida dos jovens para evitar tudo quanto possa ter ressonâncias negativas definitivas.

A proximidade educativa ajuda a superar situações que possam incidir negativamente no crescimento integral da personalidade dos educandos; corresponsabilidade e participação - todos os elementos da comunidade educativa são responsáveis pela atividade educativa, favorecendo a solidariedade e cooperação, no respeito pelas tarefas próprias de cada um e do princípio da subsidiariedade; critério preventivo - segue de perto as orientações do sistema preventivo promovido por Dom Bosco, privilegiando as experiências positivas, antecipando o aparecimento de situações ou hábitos negativos, desenvolvendo positivamente as forças interiores da pessoa, criando um ambiente que estimule, sustente e desenvolva o gosto pelo bem; igualdade - ultrapassar todas as formas de discriminação, favorecendo um ambiente de tolerância informada e crítica, respeitando a diferença e favorecendo a inclusão; qualidade do ensino e das aprendizagens - respeito pelas normas e orientações dos órgãos educativos, cumprimento dos programas, uso de materiais educativos oportunos, promoção de aprendizagens significativas.

Os princípios que orientam a ação educativa da ESM referidos anteriormente estão em consenso com os desafios do ensino do século XXI indicados por Richard Arends: “ensinar numa sociedade multicultural; ensinar para a construção do significado; ensinar para a aprendizagem ativa e ensino e responsabilidade”<sup>108</sup>.

A ESM não é só um lugar de transmissão de saberes, mas um espaço de formação integral da pessoa: a par com a formação científica e intelectual, a escola promove valores

---

<sup>107</sup> Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014, 6.

<sup>108</sup>R. ARENDS, “*Aprender a Ensinar*”, McGrawHill, 2008,8.

e atitudes que privilegiam a construção da dignidade individual e do respeito pela sociedade. É de salientar os seguintes valores.

Como foi referido anteriormente, a ESM “orienta a sua ação educativa de acordo com o princípio da igualdade e promove valores que privilegiam o respeito pelo social, nomeadamente a “justiça – repulsa pelas desigualdades entre indivíduos, grupos, povos e nações, e o dever de dar a cada um o que lhe é devido,”<sup>109</sup> demonstrando assim uma política de equidade

“No que concerne à caracterização socioeconómica, a ESM abrange a população de Manique, uma parte da Adroana, do Bairro de 16 de novembro e dos bairros sociais do Miradouro, dos Bem Lembrados, da Cres e da Estrada, com um número significativo de famílias realojadas, oriundas dos PALOP e de outras nacionalidades, que apresentam problemas de desemprego, de pobreza e de marginalidade. Simultaneamente, tem crescido a construção de moradias e condomínios com uma população de nível socioeconómico médio-alto. Portanto, entre a sua população, registam-se padrões de comportamento e valores bastante diversificados, na maioria das vezes difíceis de uma caracterização própria, o que origina grandes contrastes de ordem sociocultural e familiar e situações de difícil interação. O nível cultural da população é, de modo geral, baixo, diversificando com a origem das populações.”<sup>110</sup>

A ESM depara-se assim com uma população escolar muito heterogénea, quer em termos culturais, quer em termos socioeconómicos, tendo a sua origem em distintas realidades culturais e sociais. Na presença de contextos socio económicos tão opostos, estamos perante o que Richard Arends apelidou de “sociedade multicultural.”<sup>111</sup>

“Diante desta realidade, a escola precisa que os docentes possuam um repertório de estratégias de ensino eficazes para poderem trabalhar com jovens de origens culturais diversificadas.”<sup>112</sup>

Atualmente vivemos numa sociedade multicultural e um dos desafios do ensino para o professor do século XXI é precisamente ensinar numa sociedade multicultural, transformando as escolas e as abordagens ao ensino, por forma a atender às necessidades de um população escolar muito mais diversificada<sup>113</sup>, como no caso dos alunos da ESM.

---

<sup>109</sup> *Ibidem*, 7.

<sup>110</sup> Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014, 9.

<sup>111</sup> R. ARENDS, “*Aprender a Ensinar*”, McGrawHill, 2008,8.

<sup>112</sup> *Ibidem*, 11.

<sup>113</sup> *Ibidem*, 8.

“Os docentes do século XXI terão de dominar diversas bases de conhecimentos académicos, pedagógicos, sociais e culturais, e tornarem-se professores reflexivos e capazes de solucionar problemas, para ensinar em salas de aula culturalmente diversificadas.”<sup>114</sup>

Segundo Richard Arends “são necessárias ações a nível escolar, para tornarem o ensino mais recetivo a alunos com origens diferentes ou necessidades especiais”<sup>115</sup>.

Neste sentido, na ESM surge uma ação educativa orientada pelos seguintes princípios, referidos anteriormente:

“Proximidade educativa, corresponsabilidade e participação de todos os elementos da comunidade educativa na atividade educativa e ambiente educativo marcado pelo espírito de família, em que toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, de modo a que todos contribuam e se estejam na escola como na sua própria casa.”<sup>116</sup>

“Os Salesianos estão em Manique desde o dia 1 de outubro de 1953. O atual edifício Bloco A foi o primeiro a ser construído, num terreno doado pela família Sousa Lara. O local onde se situa a ESM, no começo era uma casa de formação para jovens que desejavam entrar para a Congregação Salesiana, Seminário Maior (até 1980) e residência para estudantes salesianos (até 1996).”<sup>117</sup>

“O contacto dos Salesianos com a população local e o desejo de responder às necessidades da mesma, levou-os a promover um conjunto de iniciativas educativas que vão desde aulas elementares para adultos em 1961, ao ensino chamado de “Tele-Escola”, inscrito no Ministério da Educação com o nº 397 e que se manterá de 1970 até ao ano letivo de 1979/80, ultrapassando o número de cem alunos.”<sup>118</sup>

“No ano letivo de 1980/81 tem início a ESM com o 1.º ano do Ciclo Preparatório, com 61 alunos matriculados. Em 1984 inicia-se o ensino unificado, atual 3º Ciclo. No ano letivo de 1990/91, a Escola ultrapassa o milhar de alunos, repartidos pelo 2.º e 3.º ciclos. A 7 de Outubro de 1992 lança-se a primeira pedra para as novas instalações: um novo edifício de aulas; refeitório, cozinha e apoios; um pavilhão gimnodesportivo, campos de jogos e recreios escolares. Estas instalações foram inauguradas no dia 24 de Março de 1994. No ano letivo de 1994/95, leciona-se, pela primeira vez, o 12.º ano.”<sup>119</sup>

---

<sup>114</sup> *Ibidem*, 15.

<sup>115</sup> *Ibidem*, 81.

<sup>116</sup> Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique 2010-2014, 6.

<sup>117</sup> *Ibidem*, 10.

<sup>118</sup> *Ibidem*, 10.

<sup>119</sup> *Ibidem*, 10.

“No que concerne às instalações da ESM estas estão estruturadas em seis edifícios, identificados por letras de A a H. Com exceção dos edifícios F, G e H, respetivamente Pavilhão Gimnodesportivo, sala de Educação Visual e a Piscina, todos os edifícios têm corredores de ligação entre si. As salas de aulas dividem-se pelos edifícios A,B,C e G e estão na sua maioria equipadas com televisão, vídeo/leitor de DVD, computador e projetor. No edifício D, funciona a cantina com cozinha própria e respetiva dispensa, e no edifício E, entre outros, estão instalados os Serviços de Psicologia e Orientação, o Centro Pastoral e as salas de atendimentos dos Pais e encarregados de Educação.”<sup>120</sup>

“A escola nas suas instalações incorpora ainda, entre outros, uma Biblioteca, um Centro Musical, dois auditórios, um ginásio específico para a prática de ginástica, pista de Atletismo, campos de ténis, diversos campos desportivos, posto médico, capela e uma bio horta.”<sup>121</sup>

A presença de computador e projetor na sala de aula permite aos docentes integrar as novas tecnologias nas técnicas de ensino.

Segundo Richard Arends,

“Os computadores e as tecnologias de telecomunicação terão um impacto significativo na atual geração de professores porque oferecem importantes vantagens sobre outras ferramentas educacionais”. Este autor faz referência ao facto de as apresentações em multimédia serem mais eficientes e motivantes do que a utilização do quadro.<sup>122</sup>

## **2.2. Caraterização da turma 7ºI**

A caraterização da turma para um professor apresenta-se como um dado importante na medida em que permite uma antevisão do grupo de trabalho, quer a nível familiar/social, percurso escolar ou até mesmo áreas de interesse. A partir dessas informações, o professor consegue uma melhor ação face à turma no que respeita a cada aluno, pois tem consigo dados relevantes que lhe permitem uma planificação e implementação do processo do ensino/aprendizagem mais eficaz e direcionado.

As informações disponibilizadas relativamente à turma alvo da PES foram recolhidas a partir de uma base de dados que a escola possui. A turma é constituída por

---

<sup>120</sup> *Ibidem*, 11.

<sup>121</sup> *Ibidem*, 12.

<sup>122</sup> R. ARENDS, “*Aprender a Ensinar*”, McGrawHill, 2008,18.

vinte nove alunos, oito raparigas e onze rapazes. A maioria dos alunos tem doze anos sendo que dois têm treze e um aluno catorze anos.

Todos os alunos têm nacionalidade portuguesa à exceção de uma aluna de nacionalidade brasileira. No que respeita às habilitações literárias dos pais, podemos concluir que metade concluiu o ensino secundário e os restantes possuem habilitação de nível superior. Não nos foi possível recolher dados concretos no que concerne aos hábitos e métodos de trabalho, hábitos de estudo e alimentação dada a lei atual referente à proteção de dados.

A turma é um grupo participativo, onde encontramos alunos mais introspetivos e outros mais extrovertidos. No geral todos os alunos manifestaram sempre muito interesse por aprender e partilhar os seus conhecimentos. É um grupo maioritariamente com vivências culturais diversificadas, o que tornou o diálogo em sala de aula muito enriquecedor, na partilha de algumas experiências das suas próprias vidas. Acolheram sempre com simpatia e de forma afável o núcleo da PES.

Foi constante a sua motivação e empenho na realização de todas as propostas de trabalho em contexto de sala de aula, respeitando colegas e professores. O grupo revelou um bom comportamento e capacidade de escuta e diálogo o que favoreceu um bom ambiente para aquisição de conhecimentos. Revelaram criatividade e espírito crítico aquando da realização de trabalhos de grupo ou debates. Sentiu-se sempre um ambiente de entreajuda por parte do grupo o que favoreceu bastante os bons resultados académicos.

No que respeita a unidade letiva de referência, os alunos manifestaram se sempre muito participativos. Nas aulas existiu sempre um espaço de diálogo e partilha entre todos muito salutar, que foi permitindo a interação com o grupo. Os valores cristãos estão fortemente vinculados no grupo, tendo sido notória a sensibilidade para a vivência dos temas de cariz mais solidário.

A sala de aula atribuída à turma é um espaço simpático, acolhedor, com muito boa iluminação, a qual foi sendo decorada a partir de trabalhos feitos ao longo do ano das diferentes disciplinas. No entanto, quando realizados trabalhos de grupo, torna-se um espaço pequeno dado o número de alunos.

### **3. Percurso pedagógico realizado**

#### **3.1. Análise crítica à Unidade letiva 4 – A paz universal**

Feita uma apresentação, análise à escola salesiana e turma onde se desenvolveu a PES, procedemos neste ponto ao percurso realizado na leção da Unidade letiva 4 (UL4), análise crítica da mesma e o que despertou a problemática deste relatório, a vivência da paz em meio escolar, perspetivando a escola inclusiva.

A paz é para mim um tema de extrema importância que deve ser tratado com os alunos incidindo numa abordagem educativa e cultural também. Para a disciplina de EMRC, a paz é um conteúdo transversal a vários ciclos de ensino, no entanto é no sétimo ano de escolaridade, na UL 4, que este tema é tratado com um maior grau de profundidade.

Ao longo do meu percurso escolar, enquanto aluna e posteriormente como professora, a paz foi desde sempre um dos assuntos que me suscitou muito interesse, quer no sentido da paz universal, quer na paz que cada um deve viver enquanto ser humano e, em concreto, a paz que deve ser vivida como cristãos.

A educação para a paz deverá ser antes de mais um trabalho de esforço vital entre todos os intervenientes da comunidade educativa, no qual educadores, pais e encarregados de educação assumem um papel primordial. A paz nada mais é que um caminho da vivência da verdadeira inclusão, onde cada um é aceite com as suas diferenças.

Diz-nos Hammes:

“não é possível haver paz sem inclusão. Amostra de uma sociedade que põe a educação conjunta (crianças consideradas normais àquelas ditas com necessidades educacionais especiais unidas dentro de uma mesma sala de aula, mote da inclusão) é um dos tantos exemplos daquilo que se pensa, que a educação coopera para que se direcione para uma mudança de mentalidades para uma sociedade de paz.”<sup>123</sup>

Encontro nesta minha inquietação um dos motivos que leva à escolha da problemática deste relatório. Considero que foi um privilégio lecionar a UL sobre a paz universal. Sendo um tema do meu total agrado, permitiu-me uma exploração dos conteúdos a abordar com bastante interesse e motivação.

Para que a planificação de cada aula fosse de encontro às aprendizagens essenciais propostas para esta unidade, explorei minuciosamente o manual da disciplina de EMRC, que foi a ferramenta chave para estruturar as minhas aulas. Como complemento, recorri a pesquisas sobre os temas abordados para que o nível de conhecimentos fosse o mais vasto

---

<sup>123</sup> J.HAMMES, “Educação inclusiva e educação para a paz”, Edefma, 2009, 7.

possível. “Uma boa planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados, a criação de interesse nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo.”<sup>124</sup>

A UL em análise apresenta-se bem estruturada, focando conteúdos adequados à faixa etária do sétimo ano, marcada pela entrada na adolescência. Diz-nos Pedro de Sousa:

“A adolescência caracteriza-se por ser um período de construção de valores sociais e de interesse por problemas éticos e ideológicos. O adolescente aspira à perfeição moral e expressa um grande altruísmo o que frequentemente origina revoltas por descobrir que a sociedade não se coaduna com os valores que defende. O facto de possuir novas capacidades cognitivas de reflexão e abstracção ir-lhe-á permitir elaborar mentalmente hipóteses, debater ideias e confrontar opiniões, construindo uma teoria própria da realidade.”<sup>125</sup>

Para melhor entendimento da problemática, são referenciados homens e mulheres que dedicaram a sua vida à defesa da paz enquanto exemplos relevantes de vivência para um mundo mais justo, aproximando-se ao plano original que Deus tem para a humanidade.

Concretamente é exemplo a biografia de Nelson Mandela, como defensor da paz e dos direitos humanos, uma vez que a sua vida foi marcada por vários acontecimentos relacionados com a paz e que estão intimamente ligados a questões políticas e atentados à dignidade humana.

Acrescenta Hammes:

“Na educação escolar uma mudança de mentalidades parece crucial para o estabelecimento de uma cultura que se opõe à violência, uma cultura da paz. Martin Luther King nos auxilia a compreender que o caminho da paz não se faz sem uma educação integradora, inclusiva.”<sup>126</sup>

Pessoalmente entendo que a escolha é bastante interessante para iniciar a exploração do tema, uma vez que a partir da exploração de histórias de vida reais, os alunos tomam consciência que a luta pela paz é concreta, que existe e que é da responsabilidade de todos. Pretende-se que os alunos não olhem apenas estes homens e mulheres como personagens, mas sim que lhes sirvam de inspiração.

É dada ao aluno uma perspectiva de paz universal quando lhe é dada a conhecer a palavra paz em várias línguas, expressa em poemas, que tem os seus símbolos próprios, e

---

<sup>124</sup> R. ARENDS, “*Aprender a Ensinar*”, McGrawHill, 2008,92.

<sup>125</sup> P.SOUSA, “Desenvolvimento moral da adolescência”, O portal dos Psicólogos (2006),1.

<sup>126</sup> J.HAMMES, “Educação inclusiva e educação para a paz”,Edufma, 2009, 6.

a paz como problema social que afeta a humanidade. “O desejo de paz faz parte dos anseios mais profundos da pessoa e marca a história, a arte e a cultura dos povos.”<sup>127</sup>

A UL leva os alunos a refletir sobre fazer o bem e alicerça nos valores cristãos, no exemplo de Jesus Cristo. Permite aos alunos refletir sobre situações concretas que acontecem na sociedade, episódios de ausência de paz, nomeadamente tráfico de armas, guerras entre países, situações de violência na escola e violência doméstica. São temas sensíveis que fazem todo o sentido serem explorados na idade da adolescência para que possamos caminhar no sentido da formação de jovens com mais valores morais, sensíveis aos problemas sociais e despertados na construção da sua própria identidade.

Assim, as reflexões relacionadas com ambientes com os quais os alunos estão familiarizados - família, escola e grupos de amigos- são uma ajuda para a assimilação de ideias.

Um dos objetivos chave desta temática é ajudar os alunos a assimilar que os conflitos podem ser geridos a partir do diálogo, e que não significam necessariamente uma rutura.

“A finalidade de um verdadeiro dialogo não é convencer o outro da própria verdade. Dialogar não é atacar o outro, mas expor e escutar, com o verdadeiro desejo de compreender e fazer-se compreender.”<sup>128</sup>

Encontramos a referência a Mahatma Ghandi e a exploração da sua vida como um exemplo pacifista no direito à paz. “A paz exterior é inútil, na ausência de paz interior.”<sup>129</sup> A figura de Mahatma Ghandi é o mote para explorar com os alunos a promoção do bem comum, numa vida baseada no diálogo, perdão e reconciliação.

É importante a ponte que a UL faz entre pessoas que se dedicam à luta pela paz no mundo, nomeadamente os laureados com o Prémio Nobel da Paz e Associações de cariz humanitário, pois são o garante que a luta por esta causa é concreta e que são muitas as pessoas que se preocupam em fazer o bem ao próximo.

Por fim os conteúdos desta UL finalizam com a mensagem Bíblica para a paz. O contato com textos Bíblicos, também proposto nesta unidade, confronta os alunos com as diferenças entre Antigo Testamento e Novo Testamento, fazendo a passagem do “olho por olho, dente por dente” (lei de Talião) para o projeto do mandamento do amor ao próximo e do amor ao inimigo, proposto por Jesus Cristo.

---

<sup>127</sup> AAVV, “Quero saber, 2015, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã”, 2015, 137.

<sup>128</sup> *Ibidem*, 138.

<sup>129</sup> AAVV, “Quero saber, ”Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015, 76.

Sendo os Salesianos uma escola católica importa referir que a vivência dos valores cristãos está muito enraizada em cada aluno pelo que a toda a envolvimento em assuntos relacionados com Deus, a caridade e o bem ao próximo, são sempre acolhidos de uma forma espontânea.

Acrescenta D. Ilídio Leandro,

“O que deve distinguir uma Escola Católica deve ser o modo como se preocupam com uma educação de qualidade e para o bem comum. O que aqui se aprende deve mudar a vida e a vida da sociedade. Aqui se percebe que o conteúdo da Boa-Nova do Evangelho de Jesus está presente no conteúdo fundamental do que ensinamos.”<sup>130</sup>

Como já foi referido, a unidade letiva encontra-se bem estruturada, sendo apelativa no que respeita aos conteúdos. Contudo, entendo que uma das aprendizagens essenciais a ser introduzida nesta UL é a temática da inclusão.

Numa época em que a educação converge para um sistema de ensino inclusivo, baseado no aceitar das diferenças entre todos na comunidade educativa, é importante educar os jovens no sentido de vivermos a inclusão plena em ambiente escolar.

Segundo Hammes,

“A inclusão ainda não é um tema tranquilo, destacando a necessidade de se examinar seus antecedentes históricos, uma vez que considera que hoje há a intenção de incluir, mas a sociedade age de maneira ambígua, excluindo e incluindo ao mesmo tempo.”<sup>131</sup>

Neste sentido, a educação inclusiva passa por desenvolver competências sociais nos adolescentes no sentido de aceitar o outro com dignidade e respeito pelas diferenças de cada um. A Nota Pastoral publicada a 6 de Janeiro pela Conferência Episcopal Portuguesa intitulada “Educação Direito e Dever - missão nobre ao serviço de todos” reflete sobre esta e outras problemáticas atuais do ensino.

Sendo o tema principal deste relatório a paz e a educação inclusiva, voltaremos a este tema de uma forma mais detalhada no Capítulo III respetivamente.

### **3.2. Experiência em contexto de sala de aula**

---

<sup>130</sup> I.LEANDRO, “O lugar do Evangelho na missão da Escola Católica A educação segundo Papa Francisco” *Revista de Catequese e Educação* 37-38,(2017) 41.

<sup>131</sup> J.HAMMES, “Educação inclusiva e educação para a paz”,Edufma, 2009, 7.

Quando falamos em “sala de aula”, automaticamente nos vêm à memória as palavras aprender, ensinar, professor e colegas de turma. É um espaço muito importante no processo de ensino/aprendizagem, pois é necessário da parte do professor uma gestão adequada da aula para que esta se torne um lugar agradável e acolhedor, ou seja, seja um elemento facilitador para que os alunos consigam reter conhecimentos e experiências positivas.

A sala de aula é um espaço cheio de vida e dinâmicas próprias e exige do professor uma capacidade de liderança do grupo para que a aula seja levada a bom porto. Segundo Arends “A gestão da sala de aula é um dos desafios mais importantes que os professores principiantes enfrentam.”<sup>132</sup>

A sala de aula torna-se o local mais importante da escola; a maioria dos alunos coloca na sala de aula muitas expectativas e em muitos casos as experiências vividas são determinantes para o seu sucesso escola.

Diz-nos Marcela Lorenzoni:

“A sala de aula é o espaço de comunhão. Um lugar sagrado. Tudo mais existe em função da sala de aula. A biblioteca, o refeitório, a cantina, as áreas de recreação, as quadras de esporte, as salas de multimeios, a secretaria, a direção, tudo está a serviço do sucesso na sala de aula.”<sup>133</sup>

Podemos dizer que é no espaço da sala de aula que começamos por trabalhar os valores da cidadania, quando se vive um ambiente de respeito e paz por parte de todos os intervenientes. Indo de encontro ao tema fulcral deste relatório apraz dizer que a sala de aula é o lugar por excelência para viver a educação inclusiva. No contexto específico da prática letiva a que se reporta este trabalho, procurou-se sempre que a vivência de sala de aula fosse de encontro à descrição feita anteriormente.

Os alunos revelaram sempre um bom comportamento, manifestando muito interesse pelos conteúdos abordados, bem como pelas estratégias implementadas.

Ao longo da leção, as estratégias adotadas foram sempre diversificadas. No entanto, tendo em conta as aprendizagens essenciais, dei primazia aos trabalhos de grupo e trabalhos de pares, muitas vezes baseados na exploração de situações concretas acerca dos conteúdos.

---

<sup>132</sup> R. ARENDS, “*Aprender a Ensinar*”, McGrawHill, 2008,173.

<sup>133</sup> <https://www.geekie.com.br/blog/sala-de-aula/>

Diz-nos Arends que “a aprendizagem baseada em problemas também procura ajudar os alunos a comportarem-se em situações da vida real e a aprenderem importantes papéis de adulto.”<sup>134</sup>

Em todas as aulas existiram sempre tempos de diálogo, o que foi bastante positivo uma vez que se vivenciaram momentos de partilha que, para além de ajudarem a conhecer melhor os alunos, proporcionaram a um maior envolvimento e interação na aula. Tendo em consideração que “a aprendizagem baseada em problemas envolve os alunos em investigações por eles selecionadas, que lhes permitem interpretar e explicar os fenómenos do mundo real, construindo as suas próprias ideias sobre os mesmos”<sup>135</sup>, foi a razão pela qual procurámos explorar este modelo de ensino.

Na minha opinião, as aulas que proporcionam o diálogo com os alunos são muito mais apelativas e tornam-se mais estimulantes uma vez que estes se sentem como parte ativa da sua aprendizagem.

“Slavin, um dos fundadores da aprendizagem cooperativa, acredita que a perspectiva de grupo da aprendizagem cooperativa pode alterar as normas da cultura dos jovens e tornar mais aceitável a excelência em tarefas de aprendizagem académica.”<sup>136</sup>

Tive sempre o cuidado, nestes momentos de diálogo orientado, de tentar que todos os alunos participassem, dando um reforço positivo às suas intervenções. Considero que trabalhar em grupo em contexto de sala de aula é trabalhar a paz, uma vez que é a partir desta dinâmica que os alunos aprendem a vivenciar os valores do diálogo, respeito, tolerância e respeito de regras.

“Um terceiro e importante objectivo da aprendizagem cooperativa é ensinar aos alunos competências de cooperação e colaboração. Estas competências são essenciais numa sociedade onde grande parte do trabalho adulto é realizado em organizações grandes e interdependentes, e onde as comunidades estão a tornar-se culturalmente mais diferenciadas e globais nas suas orientações. Mesmo assim, muitos jovens e adultos continuam a apresentar falta de competências sociais efectivas.”<sup>137</sup>

Em todas as aulas houve um momento de avaliação, quer a partir dos trabalhos de grupo desenvolvidos, quer através de trabalhos de pares. Todas as tarefas realizadas foram registadas no portefólio individual que no final do semestre foi avaliado.

---

<sup>134</sup> R. ARENDS, “*Aprender a Ensinar*”, McGrawHill, 2008,382.

<sup>135</sup> *Ibidem*,384.

<sup>136</sup> *Ibidem*,345.

<sup>137</sup> *Ibidem*, 345.

Na avaliação final do período não foi realizado teste de avaliação escrito, sendo o mesmo substituído por um trabalho de projeto sobre as Instituições promotoras de paz. Os grupos realizaram os seus projetos em duas aulas e com resultados bastante satisfatórios. Uma vez que cada grupo de trabalho explorou uma instituição diferente, foi possível a construção de sete cartazes diferentes que foram expostos em sala de aula.

Segundo Arends,

“Para resumir, a forte estrutura teórica e empírica da aprendizagem cooperativa reflecte a perspectiva de que os seres humanos aprendem com as suas experiências e que a participação activa em pequenos grupos ajuda os alunos a adquirirem competências sociais importantes, enquanto desenvolvem, simultaneamente, competências académicas e atitudes democráticas.”<sup>138</sup>

Foram feitos registos do comportamento e participação em grelha própria em todas as aulas. Na produção de materiais utilizados tentei ser criativa e dinâmica, produzindo fichas de trabalho simples, recorrendo a audiovisuais e canções, bem como curtas-metragens.

As aulas mais práticas surtem mais efeito quando devidamente orientadas, uma vez que permitem maior uma interação entre os alunos, proporcionando assim um ensino inclusivo. Ainda de acordo com o especialista reconhecido que é Arends:

“A maioria dos promotores da aprendizagem cooperativa defende que a aprendizagem em grupos heterogéneos é benéfica para todos os alunos. É assumido que alunos com menores capacidades aprendem mais trabalhando ao lado daqueles que têm maiores capacidades, e que estes beneficiam do papel de tutor que desempenham junto dos seus pares menos capazes.”<sup>139</sup>

Posto isto, as minhas aulas foram muito mais centradas nos alunos que em mim, pelo que os materiais produzidos foram sempre elaborados pelos alunos a partir de trabalhos de grupo, pares ou individualmente. Neste sentido, considero que a turma conseguiu atingir e assimilar as ideias chaves desta unidade letiva, uma vez que foram sempre estimulados à

---

<sup>138</sup> R. ARENDS, “*Aprender a Ensinar*”, McGrawHill, 2008,351.

<sup>139</sup> R. ARENDS, “*Aprender a Ensinar*”, McGrawHill, 2008,351.

dinâmica “aprender, fazendo”. Foi dinamizada na última aula do período um *peddy-papper* relacionado com as passagens Bíblicas respeitantes à UL.

A atividade realizou-se no espaço exterior do colégio e foi um momento de aprendizagem muito salutar uma vez que os alunos interagiram em grupo e refletiram sobre as mensagens e qual a importância que estas devem assumir para a vivência da paz.

A UL4 é a última das quatro unidades contidas no programa de sétimo ano. O nosso núcleo de estágio decidiu, fundamentando a escolha, começar por essa temática. Relativamente à minha postura em sala de aula e relacionamento com os alunos, considero que estabeleci uma relação empática com todos eles.

Acrescenta Cristina Salgado:

“Não chega saber, ter conhecimentos. É preciso saber levar a cabo e agir na prática, com a certeza de que são criadas as condições que não alienem o ser humano, mas antes deixem espaço suficiente para a formação do carácter, naquilo que há de mais essencial.”<sup>140</sup>

Considero que a postura de um professor em sala de aula é muito importante, nomeadamente o tom de voz e as palavras proferidas, a forma como se dirige e interpela os alunos e até o seu modo de vestir. Neste sentido e sem perder a minha identidade, tentei tratar os alunos pelo seu próprio nome, utilizando palavras acessíveis e adequadas à faixa etária da turma.

Fui cordial com todos, evitei o tom de voz mais alto ou agressivo, pois entendo que o respeito que se conquista na relação aluno/professor é baseada nos afetos.

Segundo Cristina Salgado,

“O cenário em que se processa o ato educativo, deverá constituir uma oportunidade por excelência, para experimentar a cultura do encontro, resultante do amor, se existir o empenho, entrega, deliberada e responsável. Naturalmente que isto exigirá uma permanente luta interior, travada entre o que nos limita e a meta que nos propomos atingir.”

---

<sup>140</sup> C.SALGADO, “Ensaio sobre o amor na educação – formar pessoas , ensinando”, Lucerna, 2017, 28.

### **CAPÍTULO III – CONTRIBUTO DA DISCIPLINA DE EMRC PARA A VIVÊNCIA DA PAZ PERSPECTIVANDO UMA ESCOLA INCLUSIVA**

Ao longo do presente relatório, temos vindo a percorrer o tema da paz, explorando o seu sentido teológico, assim como a sua importância para a formação de crianças e jovens, concretamente em contexto escolar.

Neste capítulo iremos debruçar-nos, num primeiro momento, sobre os conceitos explorados relacionando-os com a escola inclusiva e inclusão, como o grande indicador da paz.

Num segundo momento iremos explorar de que forma a disciplina de EMRC contribui para a educação inclusiva e vivência da paz dando ênfase ao papel dos pais e encarregados de educação. Num terceiro momento será feita uma proposta pedagógica tendo em conta todos os temas abordados ao longo desta dissertação.

#### **1. A inclusão: o grande indicador da paz**

A inclusão e educação inclusiva é um tema que gera opiniões divergentes, quer por parte das famílias e encarregados de educação, quer por parte dos educadores e restantes membros da comunidade educativa.

A inclusão escolar baseia-se na ideologia da igualdade entre todos, segundo a qual os alunos devem ter acesso ao sistema de ensino sem segregação e discriminação, seja por causa do género, religião, etnia, classe social ou condições físicas e psicológicas.

Reiteramos esta ideia com o 26º Direito da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proferida pela Organização das Nações Unidas, a 10 de Dezembro de 1949

“Artigo 26º - 1.Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional dever ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.2.A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. 3.Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos.”<sup>141</sup>

Baseados no Artigo 26º podemos constatar que a escola deve estar acessível a todos sem distinção, criando meios eficazes para que as oportunidades no âmbito da educação sejam garantidas de igual forma.

Segundo Clarisse Nunes e Isabel Madureira:

“Desde os anos 90 do século passado que os conceitos de inclusão e de educação inclusiva têm vindo a assumir particular importância no discurso educativo, tendo contribuído para tal os princípios e orientações preconizados nas declarações oficiais de diversos organismos internacionais, apontando para significativas mudanças na forma de equacionar o papel e a função da escola na sociedade actual”.<sup>142</sup>

Acrescentam:

“A educação inclusiva enquanto meta a atingir na sociedade atual constitui assim um movimento político, social e educacional que preconiza o direito de todos os indivíduos a acederem, participarem e contribuírem de forma ativa na sociedade, bem como o direito de serem aceites e respeitados, independentemente das diferenças que revelem.”<sup>143</sup>

Não podemos dissociar o conceito de inclusão de escola inclusiva. A este respeito, Luísa Cortesão diz-nos que:

---

<sup>141</sup> [https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf) consultado a 7 de Dezembro de 2019.

<sup>142</sup> C.NUNES. I.MADUREIRA, “*Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas*”,(2015) , 127.

<sup>143</sup> *Ibidem*,128.

“o termo inclusão e educação inclusiva são usados e compreendidos principalmente por sinónimos de integração, educação das crianças com deficiência, ou da educação daqueles com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares.”<sup>144</sup>

A citação remete para um dado muito importante; a inclusão e escola inclusiva são direcionadas a todos sem exceção e não apenas com objetivo de integrar os portadores de alguma deficiência física. A esse respeito são vários os pedagogos ligados a esta temática que defendem que a ideia chave da inclusão está baseada no reconhecimento e vivência concreta dos direitos humanos. Trata-se de refletir a emergência de uma nova sociedade com os seus princípios de direitos humanos para todos, e não somente para aqueles que já possuem privilégios.”<sup>145</sup>As alterações da sociedade, no que respeita à multiculturalidade e globalização, contribuíram em grande parte para as mudanças do sistema educativo. A educação não pode estagnar face às mudanças e exigências que se fazem sentir na atualidade. A escola, enquanto Instituição tem que conseguir dar resposta a todos sem exceção.

Margarida César debruça-se sobre este facto e diz-nos que:

“a escola inclusiva acabou por tomar um sentido mais abrangente, quando a passamos a encarar como uma realidade que se deseja para todos, porque todos somos especiais, todos temos características próprias que nos distinguem dos demais, percursos de vida que são só nossos, sentimentos que vivenciamos, sistemas de valores que construímos. Todos temos especificidades próprias, podendo beneficiar de uma atenção que nos contemple enquanto seres únicos e irrepetíveis, mas simultaneamente sociais e interactivos.”<sup>146</sup>

A mesma autora acrescenta ainda que:

“do ponto de vista dos direitos humanos , a inclusão de todas as crianças no ensino regular aparece contemplada em muitos países , sendo vista como fundamental para promover uma sociedade em que cada um possa encontrar o seu lugar enquanto cidadão participativo.”<sup>147</sup>

Face a estas considerações acerca da inclusão, o Ministério da Educação implementou o Decreto-Lei N°54/2018 de 6 de Julho, que regulamenta a educação inclusiva nas escolas.

“O Programa do XXI Governo Constitucional estabelece como uma das prioridades da ação governativa a aposta numa escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos,

---

<sup>144</sup> D.RODRIGUES, “Perspetivas sobre a inclusão- Da Educação à Sociedade”, Porto Editora, 108.

<sup>145</sup> *Ibidem*, 109.

<sup>146</sup> *Ibidem*, 120.

<sup>147</sup> *Ibidem*, 120.

independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social. Esta prioridade política vem concretizar o direito de cada aluno a uma educação inclusiva que responda às suas potencialidades, expectativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação e o sentido de pertença em efetivas condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social.”<sup>148</sup>

A educação inclusiva apresenta-se assim como o grande desafio ao sistema educativo na medida em que a escola educa todos os alunos num mesmo contexto escolar. Neste sentido a boa convivência entre todos podemos dizer que as dificuldades de cada um passam a ser vistas não como um problema, mas sim como diversidade.

É a partir das variadas realidades sociais que podemos ampliar a visão de mundo bem como estimular e desenvolver oportunidades de atender às necessidades educativas dando primazia às competências, capacidades e potencialidades de cada aluno, é preservar a diversidade indo de encontro às realidades sociais diferentes de cada um. Neste sentido o Decreto-Lei diz-nos que:

“Uma escola inclusiva, promotora de melhores aprendizagens para todos os alunos e a operacionalização do perfil de competências que se pretende que os mesmos desenvolvam, para o exercício de uma cidadania ativa e informada ao longo da vida, implicam que seja dada às escolas autonomia para um desenvolvimento curricular adequado a contextos específicos e às necessidades dos seus alunos.”<sup>149</sup>

De acordo com o estabelecido no decreto-lei, a escola deve ser o local privilegiado para viver as práticas da cidadania. É a partir das boas práticas de convivência entre todos os que constituem a comunidade educativa que podemos caminhar para a vivência da paz. No entanto, para que esta seja uma meta com sucesso é necessário que todos possam convergir no mesmo foco, no propósito de uma escola mais humanizada.

A este propósito diz-nos a Congregação para a Educação Católica que “para que haja uma verdadeira inclusão, é preciso dar outro passo entrando numa relação de solidariedade com as gerações que nos antecederam.”<sup>150</sup>

---

<sup>148</sup> <https://dre.pt/application/conteudo/115652961,1>

<sup>149</sup> *Ibidem*, 11.

<sup>150</sup> VATICANO, “Educar ao humanismo solidário – Para construir uma civilização do amor 50 anos após a *Populorum progressio*”, Congregação para a educação católica, 11.

A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) oferece uma definição de escolas inclusivas afirmando que estas escolas:

“devem acomodar todas as crianças independente de suas condições físicas, intelectuais, emocionais, linguísticas, ou outras. Isto deveria incluir comprometidas e crianças talentosas ou deficientes, meninas, crianças trabalhadoras e de rua, crianças de áreas remotas, viajantes ou população nómada, crianças que perderam seus pais por AIDS ou em guerra civil, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagem ou marginalizados.”<sup>151</sup>

A partir destas considerações pedagógicas, podemos afirmar que a inclusão é o grande indicador da paz, nos contextos sociais e, em concreto para o nosso estudo, no contexto escolar.

Os ambientes multiculturais nas escolas são hoje uma realidade, que outrora não existia. Assistimos hoje a uma comunidade educativa diversificada que nos traz uma mistura de culturas e hábitos; alunos que falam línguas diferentes do Português, que professam religiões com crenças diferentes, que trazem conseguem experiências de ensino muito diferentes das praticadas em Portugal, de diferentes etnias e que são portadores de deficiências.

Levantamos aqui duas questões pertinentes ao nosso estudo: estará o nosso sistema de ensino preparado para viver a inclusão na prática diária? Considerando que a educação inclusiva se baseia também no respeito pela diferenças, como se incutem nos alunos esses valores com vista à vivência da paz?

Segundo Hammes:

“A educação para a paz é hoje reconhecida como tarefa mundial, exigência indiscutível, componente importante dos programas educativos, enfim, como uma direcção pedagógica necessária para a construção de uma sociedade democrática.”<sup>152</sup>

Torna-se assim urgente uma educação para a paz que abarque a comunidade educativa no seu todo e não apenas os alunos. Segundo Hammes:

“A educação para a paz como espaço de construção colectiva. Como construção, a paz deixa de ser um atributo apenas individual, para assumir uma compreensão mais colectiva e comunitária. A educação para a paz apresenta-se como um espaço onde as pessoas firmam-

---

<sup>151</sup> D.RODRIGUES, “Perspetivas sobre a inclusão- da Educação à sociedade”, Porto Editora, 107.

<sup>152</sup> B.SELAU, “Educação inclusiva e educação para a paz-relações possíveis”, Edufma, São Luís, (2009),16.

se como pacifistas, inserindo-as no movimento social para a paz e fazendo repercutir para o seu cotidiano aquilo que é a busca das pessoas comprometidas com a paz no mundo.”<sup>153</sup>

Diz-nos Bento Salau que “na educação escolar uma mudança de mentalidades parece crucial para o estabelecimento de uma cultura que se opõe à violência, uma cultura de paz.”<sup>154</sup> Assim, ao estimularmos uma cultura de paz em meio escolar, estamos a viver a inclusão promovendo a escola inclusiva.

Neste sentido a Organização das nações Unidas (ONU), redigiu uma Declaração sobre uma Cultura de paz, que acrescentamos neste ponto da nossa dissertação. A ONU emana um conjunto de medidas que sugerem a promoção de uma cultura de paz através da educação.

“Zelar para que as crianças, desde a primeira infância, recebam formação sobre valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida que lhes permitam resolver conflitos por meios pacíficos e com espírito de respeito pela dignidade humana e de tolerância e não discriminação.”<sup>155</sup>

Face ao exposto, não podemos cair no erro da inclusão ficar pelos decretos-lei nem mesmo deixar que a escola inclusiva seja uma utopia. É necessário que todos os intervenientes da comunidade educativa tomem consciência do contexto real que vivem. Falamos dos órgãos de gestão da escola, professores, auxiliares, pais e encarregados de educação.

Diariamente somos invadidos pelos meios de comunicação social com várias notícias acerca de atos violentos nas escolas. É um indicador que algo está a falhar na educação; não adianta tentar encontrar culpados. Importa sim reeducar a comunidade educativa para os valores da cidadania e tolerância para que todos se possam aceitar em ambiente de paz. Iremos voltar a esta temática no ponto três desta dissertação, com uma proposta de intervenção pedagógica que envolve os pais e encarregados de educação.

## **2. Contributo da EMRC para uma paz inclusiva**

---

<sup>153</sup> *Ibidem*, 16.

<sup>154</sup> *Ibidem*, 6.

<sup>155</sup> <http://www.comitepaz.org.br/download/Declaração%20e%20Programa%20de%20Ação%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>

Estruturamos este ponto reflexivo em duas partes principais. Numa primeira parte debruçamo-nos acerca da importância da disciplina de EMRC para uma paz inclusiva e de que forma a mesma contribui para a inclusão.

Num segundo momento será feita uma abordagem ao papel dos pais/Encarregados de educação (EE) na educação, fazendo referência à importância do envolvimento ativo destes na vida escolar dos seus filhos/educandos, salientando o seu papel na formação da personalidade das crianças e jovens; de que forma poderão ser estes os principais formadores dos valores morais, e da prática da cidadania tendo em vista a inclusão e escola inclusiva.

A disciplina de EMRC faz parte do currículo escolar de todos os ciclos, sendo legislada pelo Ministério da Educação e constituindo-se como uma disciplina de oferta obrigatória e frequência facultativa.

A Conferência Episcopal Portuguesa diz-nos a este propósito

“A educação dos jovens e a educação continuada dos adultos ganham actualidade e urgência, quando o progresso social, o desenvolvimento técnico e científico e os caudais acrescidos de informação e comunicação proporcionam e exigem uma participação cada vez mais activa e consciente de todos. Descobrir e ajudar a descobrir a dignidade da pessoa humana é o núcleo central da própria tarefa evangelizadora da Igreja.”<sup>156</sup>

A EMRC assume um papel muito importante na educação e desenvolvimento moral dos alunos na medida em que os sensibiliza para as fragilidades sociais e para a tolerância e diálogo. D. Ilídio Leandro acrescenta que:

“É importante promover uma educação à plenitude da pessoa humana. Falar de educação católica é falar de humanidade. Todos na escola são importantes e os destinatários da missão mais bela que eu vivo na escola. Não há nada mais nobre do que criar pontes, criar harmonia, afirma o Papa.”<sup>157</sup>

A partir destas diretrizes, construímos uma base sólida para afirmar que a disciplina de EMRC contribui efetivamente para a vivência da paz inclusiva em meio escolar, uma vez que educa para os valores morais que nada mais são que o pilar para a vivência da inclusão.

---

<sup>156</sup> CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “EDUCAÇÃO, Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos”, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, (2002),10.

<sup>157</sup> ILEANDRO, “O lugar do Evangelho na missão da Escola Católica A educação segundo Papa Francisco “ *Revista de Catequese e Educação* 37-38,(2017),39.

Quando falamos no contributo da disciplina para a inclusão e paz em meio escolar, referimo-nos à tomada de consciência de comportamentos adequados, ao respeito e tolerância e à convivência salutar entre todos, respeitando as diferenças de cada um.

Neste sentido, acrescenta José Ornelas Carvalho:

“A educação nasce do Evangelho e deve dirigir-se às pessoas na integralidade: tem de abranger todas as dimensões da vida. A nossa escola tem de ser inclusiva neste sentido, tem de entender-se como complementaridade deste espírito de família. Um espaço onde as pessoas se sentem valorizadas, onde realmente crescem e se identificam com a escola.”<sup>158</sup>

Como cristãos, devemos ser nós o rosto da inclusão nas escolas, proporcionando aos alunos um testemunho dos valores evangélicos, pois estes são o fio condutor da paz inclusiva. Paraphraseando José Ornelas Carvalho “vivemos num mundo em que ninguém tem receitas, em tantos aspetos da vida pessoal, familiar, eclesial, política.”<sup>159</sup>

É este o grande desafio da EMRC na sociedade atual. Transmitir aos jovens o sentido da igualdade, liberdade e justiça numa comunidade escolar tão diversificada. Acerca desta temática diz-nos José Ornelas:

“Nós queremos uma educação católica, nas nossas escolas, para que outros possam também ter esse mesmo direito, de venerar Buda, ou Maomé. Precisamente porque nós sabemos quão precioso é ir para além da materialidade das coisas, sabemos como isso é importante para outros. Não queremos privilégios, mas os direitos fundamentais de ser livre de se organizar, sem que tudo seja posto da mesma medida.”<sup>160</sup>

Assim sendo podemos afirmar, a partir dos pressupostos de vários autores, que a escola inclusiva passa por um empenho de toda a comunidade educativa, da qual a disciplina de EMRC é parte integrante. Segundo D. Ilídio Leandro:

“Para o Papa Francisco a educação é um gesto de amor. Isto significa que ao educar estamos a fazer vir para fora a vida que existe no interior de cada um e que nós procuramos fazer germinar e fazer crescer. Na educação deve fazer-se muito pelo que se é e menos pelo que se diz. A nossa acção é quase nada pelo discurso mas muito significativa pelo que se testemunha.”<sup>161</sup>

A disciplina de EMRC pode e deve focar-se numa educação para a tolerância, baseada no diálogo. O trabalho desenvolvido não pode passar apenas pelas salas de aula,

---

<sup>158</sup> *Ibidem*, 32.

<sup>159</sup> *Ibidem*, 23.

<sup>160</sup> *Ibidem*, 30.

<sup>161</sup> *Ibidem*, 30.

precisa ser desenvolvido de dentro para fora, ou seja, explorar conteúdos e colocá-los em prática junto da comunidade educativa.

Acerca deste propósito, Francine Fournier, em representação do Diretor Geral da UNESCO na Conferência sobre a Educação para a Tolerância acrescenta o seguinte: “A educação pode ajudar a moldar atitudes de uma vida inteira, e criar nos jovens capacidades de relação interpessoais que no futuro irão precisar para viver em paz uns com os outros.”<sup>162</sup>

Todo este caminho a percorrer rumo à inclusão é da responsabilidade de todos os que integram a comunidade educativa, onde precisamos destacar o papel da família, pais e EE. Acrescentamos à nossa reflexão Francine Fournier quando nos afirma que “a educação para a tolerância e para a paz começa sem dúvida na família quando se ensina uma criança o que é o amor e o respeito por si próprio e pelos outros.”<sup>163</sup>

## **2.1. A importância do envolvimento ativo dos pais e EE na vida escolar**

Passamos a refletir neste ponto sobre o envolvimento dos pais e EE na vida escolar dos seus educandos, que é um dos pontos chave para o sucesso e desenvolvimento educacional.

Na realidade, a família é a primeira fonte de transmissão de conhecimentos, de desenvolvimento e aprendizagens do ser humano. Diz-nos Anselmo Furini que:

“é no ambiente familiar que se têm as primeiras experiências de convivência com alguns valores, como a ética, a solidariedade, o respeito, o orgulho, a vaidade, entre outros. Todos esses modelos serão as referências iniciais da criança enquanto ela não se depara com outros modelos de família.”<sup>164</sup>

A partir da integração da criança na escola, esta assume também parte de um papel que anteriormente era exclusivo dos pais/EE. Deste modo, o ideal seria conseguir que professores e pais /EE conseguissem criar um elo de ligação coeso e saudável, convergindo para o mesmo fim: educar.

A relação entre pais/EE de educação e escola nem sempre foi um campo de ação fácil e ainda hoje, apesar das alterações ao sistema educativo, continua a não o ser. Os

---

<sup>162</sup> F.FOURNIER, “Educação para a tolerância- Actas de Conferência”, Grafilarte, Lisboa,(1996),22.

<sup>163</sup> Ibidem,22.

<sup>164</sup> A.FURINI “A família na inclusão escolar: uma parceira necessária”, Edufma, São Luís, (2009),101.

professores e os pais/EE olham-se muitas vezes com desconforto e falta de confiança. Muitas vezes, os pais/EE aparecem na escola quando são convocados e muito raramente por iniciativa própria.

Por norma, quando são chamados à escola é porque algo vai mal, ou seja, sempre com uma carga “depreciativa” e nunca no sentido positivo. Não há uma rotina por parte da generalidade dos pais /EE de ir à escola saber, por exemplo, dos seus educandos, como estão a decorrer as aulas, o seu comportamento. A escola é hoje o espaço onde os alunos passam a maior parte do seu tempo; assim, quem melhor para poder dar informações aos pais/EE acerca dos seus educandos senão os professores?

Alunos mais problemáticos são por norma aqueles cujos pais/EE se demitem das suas funções, alegando falta de tempo. É comum nestas situações os pais/EE sentirem-se impotentes perante situações de conflito, ou de insucesso, e passarem a responsabilizar a escola e professores.

A descrição acerca das relações entre pais/EE e professores tem vindo a sofrer alterações significativas. Atualmente o sistema educativo contempla cada vez mais o envolvimento dos pais /EE, responsabilizando-os de uma forma mais ativa e não passiva.

“Algo, no entanto, está a mudar. A Lei de Bases que constitui o quadro geral normativo a que obedece a evolução do sistema educativo português estabelece entre os seus principais organizativos a adopção de estruturas e processos participativos na definição da política educativa, na administração e gestão do sistema escolar e na experiência pedagógica quotidiana, em que integram todos os intervenientes no processo educativo, em especial os alunos, os docentes e as famílias.”<sup>165</sup>

Os pais/EE assumem um papel junto da comunidade educativa que contribui em grande parte para o sucesso educativo dos seus educandos.

“Os pais são parceiros da escola, são voz e voto na tomada de decisões da escola, na elaboração do seu projecto, na exigência da prestação de contas. Importa que os pais façam o que lhes compete, que se organizem e colaborem numa escola melhor.”<sup>166</sup>

Dando ênfase à ideia chave do autor, os pais/EE são parte importante na organização de uma escola melhor, se envolvidos na vida diária dos seus educandos. Assim podemos dizer que o trabalho colaborativo dos pais/EE com a escola é um direito e um dever também.

---

<sup>165</sup> *Ibidem*, 101.

<sup>166</sup> *Ibidem*, 103.

Os pais/EE encontram na escola o local para dar continuidade à sua missão educativa, através do desenvolvimento de competências necessárias para a sua formação profissional, pessoal e integração na sociedade.

Não obstante, a escola necessita dos pais /EE uma vez que educa crianças e jovens, que trazem consigo valores e hábitos que são incutidos no seio Familiar.

Diz-nos a Conferência Episcopal Portuguesa

“É vocação da família ser o espaço por excelência para a educação. Os pais que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como os seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprimida.”<sup>167</sup>

Parafraseando Otavio Morgadinho, “educar para a responsabilidade exige uma atitude coerente de pais e professores dentro e fora da escola.”<sup>168</sup> E é este “fora da escola” que é em grande parte a preocupação das escolas. Como tornar mais presentes os pais/EE, famílias na vida escolar dos seus educandos, numa sociedade que apresenta atualmente realidades familiares tão díspares.

A Conferência Episcopal Portuguesa acerca da família, faz-nos refletir ainda mais sobre as realidades atuais familiares ao verificar que,

“A família é o terreno mais disputado entre a tradição e a modernidade. As actuais circunstâncias da vida transformaram profundamente as relações familiares, envolvendo a própria concepção da família. O conceito de família está profundamente alterado e a sua desagregação real, agravada pelo desleixo, diminui fortemente a interacção entre os seus membros e a sua capacidade educativa.”<sup>169</sup>

Neste sentido, grande parte dos conflitos vividos diariamente nas escolas por parte dos alunos, passa à margem dos pais/EE porque a escola não se faz presente no seio familiar. Frequentemente ouvimos os alunos dizerem que poucas vezes falam com os pais/EE acerca dos seus problemas, das suas inquietações e, justamente quando estes são chamados à escola, mostram-se indignados e surpreendidos com atitudes das quais nunca estariam à espera por parte dos seus filhos. Estas situações são cada vez mais frequentes na escola; pais/EE delegam a função de educar nos professores.

---

<sup>167</sup> CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Direito e dever- missão nobre ao serviço de todos”, (2002),17.

<sup>168</sup> O.MORGADINHO, “Educação: Família e Escola”, Sinapis, (2014),104.

<sup>169</sup> CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Direito e dever- missão nobre ao serviço de todos”, (2002),18.

É urgente sensibilizar os pais/EE para uma mudança de atitude, pois só com o garante da sua presença, num trabalho colaborativo, podemos criar um ambiente saudável nas escolas. Pais/EE e professores têm papéis muito distintos e é necessário clarificá-los muito bem para que a relação de ambos seja o mais salutar possível. Podemos então dizer que uma das grandes lacunas do sistema educativo atualmente situa-se na esfera familiar.

A vivência da paz e inclusão nas escolas por parte dos pais/EE é um assunto complexo. Quando falamos em inclusão, estamos a falar de uma escola que acolhe todos sem exceção. É frequente por parte de alguns dos pais/EE uma certa resistência no que respeita ao convívio entre crianças de etnia, raças diferentes ou mesmo portadores de deficiência, por exemplo.

Entramos aqui no cerne da nossa reflexão. Atualmente as escolas deparam-se com o dever de inclusão de todas as crianças sem exceção em turmas regulares, proporcionando a todos as mesmas oportunidades de aprendizagem dentro e fora da sala de aula, contudo os pais/EE nem sempre olham com bom ar esta prática pedagógica inclusiva, seja por falta de informação, desinteresse ou preconceito social.

A este respeito Anselmo Furini recorda que “a união família e escola contribuí, de forma positiva, ao processo de inclusão. Essa parceria é fundamental para que os pais e os educadores possam estabelecer as tarefas de cada parte.”<sup>170</sup>

Podemos dizer que a família é a primeira sociedade onde convivemos e de quem levamos uma grande parte das aprendizagens para a nossa vida futura. Assim a família é a base para formar qualquer ser humano. É no convívio com a família que aprendemos o respeito pelo outro, a partilhar, a responsabilidade, a disciplina, bem como a mediação de conflitos. Todas as vivências em família irão ter reflexos ao longo da vida.

Segundo Octavio Morgadinho:

“A educação é tarefa de múltiplas escolas e colaborações. Os pais são os primeiros e naturais educadores dos seus filhos. A educação começa antes da consciência, através do clima que criam, dos hábitos que vão inculcando, dos valores que invocam. São os pais que fazem as primeiras escolhas para os seus filhos.”<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> *Ibidem*, 108.

<sup>171</sup> O.MORGADINHO, “Educação: Família e Escola”, Sinapis, (2014), 119.

Assim concluímos que em termos de educação inclusiva não há fórmulas. Há sim um longo caminho a percorrer e só é possível chegar a bom porto com o empenho de todos os intervenientes na comunidade educativa.

### **3. EDUCAÇÃO PARA A PAZ: Proposta de ação pedagógica destinada a pais/EE na sensibilização para a vivência da paz e inclusão em meio escolar**

A proposta que faço neste último ponto do Relatório Final Prática Ensino Supervisionado tem como pano de fundo não só a experiência adquirida ao longo da PES, mas também a experiência onde exerço a minha atividade como docente.

Como referido no ponto anterior, a escola é atualmente o espaço onde as crianças e jovens passam a maior parte do seu dia. Muitas delas chegam bem cedo à escola e regressam a casa ao entardecer. Outrora a carga horária nas escolas era diferente, os intervalos eram maiores e havia tardes livres para brincar, para estar em casa.

A sociedade que temos é esta e isso é algo que todos temos de aceitar, a evolução dos tempos. Não estamos a imprimir uma conotação negativa à escola, apenas a constatar que mudou e todos aqueles que estão envolvidos na comunidade escolar precisam acompanhar este percurso ou correm o risco de se perder.

Neste sentido, e analisando um pouco da minha experiência enquanto professora, também constato esta mudança gradual de comportamento nos alunos. Não há tempo para falar com os colegas, os intervalos são passados a jogar nos telemóveis, muitas vezes isoladamente; a maioria dos alunos apresenta-se cada vez mais imatura, agressiva e sem tolerância ao outro.

Não podemos julgar o todo por uma parte, mas numa análise generalista, é assim que acontece. E acontece em todas as classes sociais. É urgente pensar nestas questões com seriedade e encontrar meios para mitigar este clima escolar que se vive começando a intervenção no seio da família.

Assim, a minha proposta de intervenção pedagógica é dirigida aos pais/EE. Esta minha escolha prende-se ao facto de ao longo da minha experiência profissional, vivenciar algumas situações que podiam mais facilmente ser geridas se a escola proporcionasse estratégias de aproximação dos pais/EE à escola.

Falar de pais/EE em âmbito escolar é um mundo muito vasto, pois como já referido anteriormente, não há famílias padrão. Os alunos vivem rotinas familiares muito díspares.

Vejam, no meio escolar encontramos alunos que vivem com os pais, outros que os pais são divorciados e usufruem de guarda partilhada, pais que reorganizaram as suas vidas, órfãos de pais, casais homossexuais e crianças institucionalizadas.

Encontramos assim um vasto campo de situações, todas elas válidas e importantes que influenciam todo o equilíbrio emocional dos alunos, o que conseqüentemente tem efeitos nas vivências escolares individuais e em grupo.

Deparamo-nos frequentemente com pais/EE que não sabem como gerir situações relacionadas com os seus educandos nomeadamente, no que respeita à boa convivência entre todos (escola inclusiva).

A escola inclusiva chegou ao nosso sistema de ensino para ficar, e é neste sentido que é muito importante um trabalho articulado entre escola e pais/EE para que estes possam conhecer de perto as realidades vividas na comunidade escolar e que tomem um papel ativo na resolução de situações que possam de alguma forma ameaçar a vivência da paz.

Apresentamos aqui uma proposta de ação de formação dirigido a pais/EE de alunos que frequentam o 7ºano de escolaridade que tem por objetivo sensibilizar para a vivência da paz em ambiente escolar e inclusão. Os pais/EE assumem um papel muito importante na educação que é insubstituível; também estes necessitam de ser formados e capacitados de conhecimentos que lhes permitam ajudar a educar.

Diz-nos Cristina Sá Carvalho acerca das famílias

“Nas famílias, há que contar com os desafios que são colocados à sua autoridade educativa, amobibilidade social que as mães estão a alcançar, a importância da felicidade destas e da normatividade vigilante que deve vir da figura do pai, quando os jovens casais não têm ninguém com quem aprender a ser educadores e de como preservar os indispensáveis laços de união.”<sup>172</sup>

As temáticas propostas para a formação foram seleccionadas tendo como base os conteúdos da UL 4 A Paz Universal. Iremos debruçar nos sobre a educação para a paz, a inclusão e os direitos humanos, situações e ausência de paz concretamente o Bullying e a importâncias das mensagens bíblicas na promoção da paz.

Todos estes temas estão desenvolvidos na parte teórica desta dissertação, no entanto o Bullying será seguidamente abordado por não se encontrar referido anteriormente.

---

<sup>172</sup> [https://www.snpcultura.org/havera\\_futuro\\_para\\_transmissao\\_fe.html](https://www.snpcultura.org/havera_futuro_para_transmissao_fe.html)

### 3.1. O Bullying

O Bullying é um ato de violência física-psicológica, que acontece maioritariamente na fase da adolescência ocorrendo nos mais variados contextos, sendo que o mais comum é entre crianças e jovens em contextos escolares.

O Bullying é um conjunto de comportamentos agressivos e persistentes exercidos por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos que podem durar semanas, meses ou anos, sendo difícil as vítimas defenderem-se a si próprias.

“O bullying é um padrão repetitivo de um comportamento lesivo que envolve o intuito de manter um desequilíbrio de poder. O que isto significa é que um ou uma bully sente satisfação em magoar as pessoas que considera fracas para construir a sua própria noção de poder.”<sup>173</sup>

À semelhança de outros comportamentos agressivos é importante referir que o bullying é identificado pela capacidade de magoar alguém, que é vítima, enquanto os agressores manifestam a tendência para desencadear e agravar situações em que as vítimas estão numa posição indefesa. O sofrimento não é apenas físico, pode ser psicológico, incluindo até a exclusão sob forma de marginalização social.

É importante referirmos que lutar é diferente de bullying; hoje em dia assistimos a uma geração de crianças que praticam brincadeiras agressivas e que por vezes gritam uns com os outros, sem que o elemento bullying propriamente dito esteja presente. “Até aos anúncios de publicidade da TV estão cada vez piores. Enquanto crescem, as crianças são sujeitas a milhares de anúncios com conteúdos violentos.”<sup>174</sup> E, “os media são um tema quente e controverso no que toca a violência e bullying. Os media são uma grande agravante para miúdos e miúdas que já tem tendências agressivas.”<sup>175</sup>

De entre as várias causas deste fenómeno do Bullying, há uma associação direta ao quadro familiar dos agressores; há sempre uma história de violência associada, ou seja, há uma realidade muito próxima de violência por parte da criança/jovem.

---

<sup>173</sup> J.HABER, “Bullying manual anti agressão – Proteja o seu filho de provocações, abusos e insultos”, Multitipo, Alfragide, 2009, 20.

<sup>174</sup> *Ibidem*, 21.

<sup>175</sup> *Ibidem*, 21.

Note-se que o Bullying tem sempre três tipos de intervenientes na situação de violência: o espectador, a vítima e o agressor. O espectador presencia a situação de Bullying/violência e não interfere omitindo os factos ocorridos. Muitas são as razões que levam a este tipo de atitude, quer seja por se sentir amedrontado e inseguro ou, muitas vezes, pelo medo de sentir represálias. Os espectadores apesar de não sofrerem diretamente as agressões, sofrem ao sentirem-se incomodados com a situação.

É importante salientar que a vítima é quase sempre uma pessoa frágil e que não consegue reagir emocionalmente nem dispõe de habilidades físicas. Por norma tem muitas dificuldades em fazer novas amizades ou para se integrar num grupo. Normalmente os agressores escolhem as vítimas que apresentam mais insegurança, pois conseguem manipular as mesmas mais facilmente.

Por outro lado também podem ser vítimas as crianças igualmente fortes em termos psicológicos. Nestas circunstâncias os agressores sentem uma vontade enorme de demonstrar que são melhores.

As características destas vítimas podem ser inúmeras, como por exemplo, as roupas de marca, os equipamentos tecnológicos novos ou telemóveis. A vítima nunca procura ajuda de familiares e em casa apresenta sinais de medo em ir à escola.

Os agressores normalmente são de comportamento arrogante e antipático e de uma forma geral são oriundos de famílias pouco estruturadas, de pobre relacionamento afetivo. “Os agressores/as são muitas vezes, populares, espertos/as, encantadores/as para os adultos e tem muitos amigos e amigas, mesmo que as suas amizades sejam baseadas no medo.”<sup>176</sup>

Existem suspeitas que as crianças ou jovens que praticam bullying possam futuramente adotar comportamentos antissociais e desviantes.

Atualmente vivemos numa sociedade com características muito diferentes das de outrora; assistimos a um desenvolvimento desmedido de uma sociedade, que cada vez mais perde o horizonte dos valores éticos e morais.

Para que possamos viver uma vida com dignidade, os direitos humanos devem ser preservados, sendo considerados um fator condicionante para a construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Os atos de Bullying ferem os princípios constitucionais de respeito pela dignidade da pessoa humana.

---

<sup>176</sup> *Ibidem*, 24.

O Bullying é um problema mundial que vem ganhando espaço em debates de especialistas na área da educação, entre outros profissionais, no sentido de diminuir a sua incidência nos vários ambientes onde este se dá, nomeadamente nas escolas.

Trata-se de um fenómeno que desrespeita a ética uma vez que há um conjunto de comportamentos violentos que violam as regras do viver em sociedade, desrespeitando a dignidade do outro.

### **3.2. Da violência escolar ao Bullying**

Vivemos hoje num mundo globalizado que se caracteriza por profundas mudanças, que vão ocorrendo no dia-a-dia, na nossa sociedade. Este acontecimento tem fomentado inúmeras mudanças e instabilidade nas nossas escolas, visíveis numa maior conflitualidade e no crescimento da violência diária na vida das nossas crianças e jovens.

Em contexto escolar, o Bullying é assustador uma vez que as crianças são obrigadas legalmente a conviver e partilhar o espaço na escola com os seus agressores, durante todo o dia, o que desencadeia nas vítimas um sentimento de insegurança.

“Temos de nos lembrar de que hoje em dia um grande número de miúdos e miúdas em idade escolar tem mais conhecimento e melhor acesso a armas e pode, de facto, andar com elas. Além disso, o que parece um desafio de um para um pode transformar-se numa luta de dez para um.”<sup>177</sup>

Ouvimos diariamente falar sobre fenómenos relacionados com a indisciplina, violência, agressividade, falta de civismo, Bullying, insegurança, entre outros nas escolas. A violência que se gera nas escolas traz consequências graves às crianças e jovens e gera maus ambientes na escola. O fenómeno Bullying é muito complexo e exige um esforço de todos na prevenção e intervenção, no sentido de conhecer o que está errado e entender as relações entre pares.

Podemos dizer que prevenir o Bullying deverá ser uma prioridade; este fenómeno, estudado por educadores e pesquisadores, é de extrema importância dadas as suas implicações nas ocorrências no seio do ambiente escolar, donde advém muitas vezes prejuízo na autoestima e isolamento social.

---

<sup>177</sup> *Ibiem*,30.

A escola, como entidade pública vive de perto com estes problemas e daí enfrentar a missão de criar estratégias para a prevenção e repressão do Bullying. A tomada de medidas eficazes em relação à violência nas escolas tem vindo a ser considerada como parte importante do desenvolvimento integral dos alunos. Esta só será possível a partir da sua plena compreensão. É urgente nas escolas, cada vez mais, dar a conhecer o que é o bullying.

### **3.3. A família e o Bullying**

A família assume um papel primordial na educação de crianças e jovens. É na família que se vivenciam as primeiras experiências do viver em grupo, onde são transmitidos os valores essenciais para a formação de personalidade. Escola e família são duas instituições que deveriam andar a par e passo na educação. No entanto, conceituar o papel das duas na sociedade hoje em dia é difícil.

É muito importante que os pais participem na vida escolar dos seus filhos, para que possam acompanhar o seu percurso de uma forma responsável. As crianças vítimas de bullying podem sentir-se constantemente com medo, ansiosas, apresentar dificuldade na concentração e, em muitos casos, comprometem-se a ficar em silêncio para evitar novas retaliações. Por vezes mostram-se com falta de paciência e apresentam relutância em querer ir à escola. Associados a estes sintomas, acrescentamos o aproveitamento escolar do aluno que começa a diminuir. As crianças vítimas de bullying não contam aos pais ou outras figuras de autoridade o sucedido com medo de poderem voltar a ser agredidos ou mesmo desacreditados.

Os pais /EE podem ajudar os filhos a compreender o que é o Bullying, ajudando os mesmos a defenderem-se de forma segura, ou seja, encorajando os filhos a denunciar situações de bullying a um adulto de confiança; é fundamental que a família consiga estabelecer um diálogo aberto no sentido de fomentar a confiança, evitando comportamentos agressivos.

No que concerne aos filhos agressores, os pais/EE também assumem um papel determinante, uma vez que podem detetar sinais na criança/jovem que despertem atenção, nomeadamente a necessidade de dominar ou subjugar os outros, intimidar outras crianças ou irmãos, zangar-se facilmente, revelar pouca tolerância á frustração, dificuldade em

obedecer a regras, bem como um comportamento desafiador face à autoridade de pais/EE e professores.

Citando Luís Fernandes,

“é dever de um pai e de uma mãe educar o filho da melhor forma que sabe e que consegue. Não significa, contudo, que pelo caminho não surjam imprevistos com os quais não contava. O problema do Bullying é um deles. De certa forma os pais sentem se culpados por nada conseguirem fazer”<sup>178</sup>

Os pais e a sociedade em geral têm consciência que o problema existe, no entanto tendem a adiar o confronto com esta realidade. São muitas as vezes que ouvimos falar de que agressões entre crianças e jovens fazem parte do processo normal de crescimento.

Considerando a gravidade das consequências deste problema, quer para as vítimas quer para os agressores, é fundamental que os adultos estejam atentos ao comportamento dos seus filhos e filhas, de forma a identificarem sintomas ou sinais que possam facilitar a sinalização de situações menos normativas no contexto escolar.

Alguns destes sinais e sintomas podem ser a recusa em ir a escola e a arranjar desculpas para não ir. As escolas não são apenas um lugar onde se adquirem conhecimentos, mas também um contexto de aprendizagem de competências de relacionamento interpessoal e convívio social.

Na escola crianças e jovens aprendem a iniciar conversas, a integrar-se em grupos, a aceitar as diferenças de motivações e comportamentos entre as pessoas e a retirar prazer do estar e partilhar com outros alegrias, preocupações e interesses.

No entanto, cada vez mais surgem situações de violência que perturbam o desenvolvimento destas competências e que transformam a ida para a escola numa angústia e martírio para algumas crianças. Poderia pensar-se que estas situações estariam circunscritas a escolas com populações «problemáticas» inseridas em contextos de pobreza, delinquência e violência. Mas o fenómeno do bullying é transversal e abrangente a toda a sociedade.

Constatamos que o Bullying é um fenómeno que existe e não o podemos ignorar. É importante que possamos dotar as crianças e os jovens de um leque de competências para agirem caso conheçam alguém que seja vítima de violência. Chama-se a atenção para a necessidade de envolver um adulto nas respostas de situações desta natureza.

---

<sup>178</sup> FERNANDES.L., “Revista woman”,2008.

Numa sociedade em constante transformação, é fulcral o papel do professor/educador na vida de cada criança e jovem. A escola é o local onde estes passam a maior parte do seu tempo e por vezes as famílias estão alheadas da vida estudantil dos seus educandos.

A sociedade está em constante mudança, mas há algo que nunca pode mudar: o respeito pelo próximo e a importância da dignidade humana. Sejam os professores, pais/EE a ponte que transporta os alunos/educandos, à descoberta de um mundo mais humano e respeitável.

### **3.4. Formação: “Pais e Encarregados de Educação mediadores da paz escolar”**

#### **3.4.1. Planificação da Ação de Formação**

A Ação de Formação “Pais/EE mediadores da paz escolar” é dirigido a pais/EE com filhos/educandos do 7ºano de escolaridade. Pretendemos com este momento formativo sensibilizar e informar os pais e EE para a vivência da paz em contexto escolar e escola inclusiva, fomentar a vivência da paz em ambiente escolar e para a participação ativa da vida escolar dos seus educandos. Refletir sobre a importância do papel das Religiões na educação para a paz, proporcionar aos pais conhecer a Bíblia como instrumento na educação dos seus filhos/educandos

A presente Ação de Formação é estruturada em quatro sessões.

1ª sessão – A educação para a paz, o desafio da atualidade

2ª Sessão – A inclusão e os direitos humanos

3ª Sessão – Situações de ausência de paz: O bullying

4ª Sessão – A importância das mensagens Bíblicas na promoção da paz



## Planificação da ação de formação

Planificação da Ação de formação		Público-alvo: Pais e Encarregados de Educação		
Tema	Objetivos	Conteúdos	Método /Estratégias	Avaliação
A educação para a paz, o desafio da atualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar os pais/EE para a vivência da paz em ambiente escolar.</li> <li>- Sensibilizar os pais/EE para a participação ativa da vida escolar dos seus educandos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considerações acerca da paz, seu significado e importância em contexto escolar.</li> <li>- Direitos e deveres da escola enquanto instituição promotora na educação para a paz.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Brainstorming</li> <li>Visualização de um filme</li> <li>Trabalho de grupo</li> </ul>	Partilha orientada e registo feito pela moderadora
A inclusão e os direitos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar os pais/EE acerca da inclusão e qual o objetivo da escola inclusiva</li> <li>- Dar a conhecer e sensibilizar para a problemática dos direitos humanos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que é a inclusão</li> <li>- Qual a finalidade da escola inclusiva</li> <li>- Legislação em vigor acerca da inclusão</li> <li>- Declaração Universal dos Direitos Humanos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Exposição oral,</li> <li>Leitura de textos</li> <li>Visualização de curta metragem</li> <li>Música</li> <li>Trabalho de grupo</li> </ul>	Partilha orientada e registo feito pela moderadora

Planificação da Ação de formação		Público-alvo: Pais e Encarregados de Educação		
Tema	Objetivos	Conteúdos	Método /Estratégias	Avaliação
Situações de ausência de paz: O Bullying	<p>Sensibilizar os pais/EE para a vivência da paz em ambiente escolar.</p> <p>Sensibilizar os pais/EE para a participação ativa da vida escolar dos seus educandos.</p>	<p>O que é o Bullying?</p> <p>Como prevenir o Bullying/Estratégias de intervenção para pais/EE</p>	<p>Diálogo orientado entre os participantes</p> <p>Estudo de caso</p>	Partilha orientada e registo feito pela moderadora
A importância das mensagens Bíblicas na promoção da paz	<p>Refletir sobre a importância do papel das Religiões na educação para a paz</p> <p>Proporcionar aos pais conhecer a Bíblia como instrumento na educação dos seus filhos/educandos.</p>	<p>A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade</p> <p>Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz</p>	<p>Brainstorming</p> <p>Expositivo</p> <p>Trabalho de grupo</p>	Partilha orientada e registo feito pela moderadora

### 3.4.1.1. Sessão 1: A educação para a paz, o desafio da atualidade

Planificação da Ação de formação: “Pais/EE mediadores da Paz”					
Sessão 1: A educação para a paz, o desafio da atualidade					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Materiais necessários	Avaliação
Fomentar as relações interpessoais  Questionar-se sobre a paz como valor orientador do sentido da realidade, equacionando respostas adequadas numa visão coerente do mundo.	Acolhimento	Distribuição a cada participante de uma pasta que contem cartão de identificação, programa da Sessão, folhas brancas, caneta <sup>179</sup>	10mnts		Partilha orientada e registo feito pela moderadora
	Jogo de apresentação: “Apresenta o teu amigo/a”	Cada participante conversa com o parceiro/a do lado, anota as principais características e posteriormente apresentam se ao grupo	15mnts	Papel e caneta	
	O que é a paz	Objetivos da ação de formação	5 mnts	Papel e Caneta	
	Definição do conceito de paz	Brainstorming (a partir da palavra Paz que se encontra escrita no quando o participantes são convidados a definir a palavra)	10mnt	Projedor	
	O papel dos pais/EE na educação.	A partir do ppt é explorada a definição de paz, nos vários contextos sociais (Familiar, social escolar, individual);	10mn	Projedor	
		Visualização de um pequeno vídeo do Papa “Papa recomenda sabedoria e equilíbrio para educar os filhos” <sup>180</sup>	5mnts		
	Intervalo		10mnts		

<sup>179</sup> Anexo 2

<sup>180</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=KytRcrXfhAA&feature=share>



## **Sessão 1: A educação para a paz, o desafio da atualidade**

Iniciamos esta ação de formação com a distribuição de uma capa contendo o programa geral, folhas brancas e um cartão de identificação para cada participante com o objetivo de nos tratarmos pelo nome próprio.

Posteriormente, a formadora apresenta-se dando as boas vindas aos participantes. A sala está previamente preparada com cadeiras em semicírculo, para um ambiente mais acolhedor.

Implementamos o jogo de apresentação: “Apresenta o teu vizinho”, onde são dados quinze minutos para os formandos falarem com o colega do lado, sobre aspetos importantes que cada um entenda partilhar com o grupo (Idade, profissão, quem são os filhos/educandos) referindo as suas expectativas de aprendizagem na formação. Seguidamente apresentam-se ao grande grupo.

Feito o “quebra-gelo” procedemos à projeção dos objetivos da ação de formação a partir de um power point. Pretendemos com a presente ação de formação para além de estreitar a relação entre a escola e os pais/EE, dar a conhecer a importância da educação para a paz na vida escolar e social dos seus educandos. Para isso é projetado os quatro grandes objetivos da nossa formação, descritos na planificação. Reservamos para esta introdução cinco minutos uma vez que nesta fase inicial, é mais expositiva que participativa.

A formadora projeta em letras grandes a palavra paz e a partir de um brainstorming, convida os participantes a dar sugestões de palavras sobre o que é para cada um a paz. A partir das palavras que vão sendo sugeridas, é orientando um diálogo tendo sempre em atenção o reforço positivo nas intervenções.

Após o enriquecimento partilhado da palavra paz, a formadora dirige-se ao grupo e a partir de um power point apresenta o conceito de paz, explorando a definição nos vários contextos sociais (familiar, social escolar, individual).

Uma vez descrita a definição de paz dá-se um espaço para dúvidas na qual os formandos podem participar com moderação, uma vez que de seguida irão desenvolver uma parte mais prática.

Os formandos são convidados a visualizar o excerto de um vídeo no qual o Papa Francisco fala do papel dos pais e encarregados de educação na educação. Com este vídeo pretendemos levar os pais a refletir sobre a função destes na educação a partir das palavras do Papa Francisco. Segue-se um pequeno intervalo de cinco minutos.

A segunda parte desta primeira sessão de formação é mais interventiva por parte dos formandos. O grupo é dividido em grupos de cinco elementos, utilizando a técnica da atribuição de um número a cada formando. Juntam-se os números iguais e formam-se os grupos.

O trabalho de grupo consiste na reflexão de duas interrogações pertinentes: “Que desafios vivem os pais/EE hoje em dia na educação a nível familiar e escolar? ”Qual deve ser o contributo dos pais /EE na educação para a paz?”

Pretendemos com este trabalho de grupo que os pais façam uma reflexão sobre as suas responsabilidades enquanto pais/EE, refletindo nas palavras do Papa Francisco contrapondo com as suas próprias experiências.

A formadora vai circulando pelos grupos no sentido de perceber se os trabalhos estão a decorrer bem. Após término do tempo estipulado para os trabalhos, cada grupo elege um porta-voz que irá sintetizar as ideias chave e conclusões.

Esta primeira sessão de formação termina com uma síntese global, reforçando a importância que os pais /EE desempenham na educação reafirmando que precisam estar envolvidos nas vidas dos seus educandos, a partir do diálogo e da presença ativa na vida escolar.

Assim, lança-se o desafio aos pais/EE de até à sessão seguinte, conversarem com os seus filhos/educandos todos os dias após a chegada da escola refletindo o que correu bem e menos bem, explorando um pouco a vivência do ambiente escolar diário.

Com este desafio, pretendemos estimular os formandos a estreitar relações com os seus educandos através do diálogo sendo que este é o melhor meio na educação para a paz.

### 3.4.1.2. Sessão 2: “A inclusão e os direitos humanos”

Planificação da Ação de Formação: “Pais/EE mediadores da Paz”
<b>Sessão 2: “A inclusão e os direitos humanos”</b>

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Materiais necessários	Avaliação
Reconhecer que o direito à Paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	Acolhimento	Síntese da última sessão de formação. É introduzido o tema aa explorar na presente sessão “inclusão e direitos humanos”.	5mnts	Projektor Computador	Partilha orientada e registo feito pela moderadora
	O que é a inclusão	A partir de um ppt de imagens aborda-se o significado do conceito de inclusão e o que se pretende com uma escola inclusiva;	15mnts		
	Qual a finalidade da escola inclusiva	Análise dos pontos principais da legislação em vigor acerca da temática da inclusão; é distribuída a legislação em formato papel a cada participante e projetada em ppt. <sup>181</sup>	10mnts	Papel	
	Legislação em vigor acerca da inclusão/ Decreto-Lei n.º 55/2018	Trabalho de grupo: “A escola que temos e a escola que queremos” O grupo de formandos é dividido em grupos de trabalho.  Pede-se a cada grupo que sugiram duas estratégias a implementar nas escolas para que seja inclusiva. Uma estratégia para a escola e uma estratégia para pais/EE.	15mnts	Caneta	

<sup>181</sup> Anexo 3

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Materiais necessários	Avaliação
Reconhecer que o direito à Paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	Declaração Universal dos Direitos Humanos	Plenário e discussão das conclusões orientadas pelo formador	10mnts	Projektor	Partilha orientada e registo feito pela moderador
		Intervalo	5mnts		
		- Visualização de um vídeo com música alusiva à Declaração Universal dos Direitos Humanos. <sup>182</sup>	10mnt	Cartões com os direitos humanos	
		- Diálogo com os participantes sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos.	10mnts		
Compreender a importância dos Direitos Humanos		Trabalho de grupo	20mnts	Papel, caneta e lápis	Avaliação da sessão em folha de registo própria
	- Numa caixa colocam-se cartões com os Direitos Humanos. <sup>183</sup>		Folhas brancas		
	- Cada grupo retira 1 cartão com um direito humano e reflete:				
Relacionar os direitos proclamados na Declaração Universal		- De que forma o dia teria sido diferente se não pudessem usufruir deste direito?			

<sup>182</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=juM5gslLaA&feature=share>

<sup>183</sup> Anexo 4

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Materiais necessários	Avaliação
Direitos Humanos com a vida diária		<p>Como é que a negação do direito afetou a negação de outros direitos;</p> <p>Como é que os pais, professores, amigos, etc, seriam afetados pela negação desse direito?</p> <p>Plenário</p> <p>Conclusão</p>	<p>10mnts</p> <p>5 mnts</p>		

## **Sessão 2: “A inclusão e os direitos humanos”**

Dá-se início à sessão de formação dando as boas vindas ao grupo. Após breve conversa, é feita uma breve síntese sobre a sessão anterior, questionando os presentes se o desafio lançado foi cumprido, apelando à partilha com o grupo, se foi positivo o diálogo diário com os seus educandos.

Após a síntese da sessão anterior, é introduzido o tema “inclusão e direitos humanos”. São visualizadas algumas imagens de situações que ilustrem o que é a inclusão. Segue-se um diálogo com os formandos para que o formador possa perceber até que pontos os presentes têm conhecimentos sobre a inclusão e escola inclusiva.

É importante fazer uma ponte entre a sessão anterior, começando por estruturar o pensamento do grupo, não há paz sem diálogo e não há inclusão se não vivenciarmos a paz na escola. A partir das imagens selecionadas em conjunto com as ideias partilhadas podemos chegar a uma definição de inclusão.<sup>184</sup>

Pretendemos explorar o conceito de inclusão e escola inclusiva, começando por referir que a escola é um lugar de todos e para todos na qual o respeito pela igualdade de oportunidades tem de ser garantido de igual forma, independentemente da sua condição social, raça ou crenças. É importante que os pais/EE fiquem sensibilizados para a questão do convívio salutar entre todos na escola, baseado no respeito; este é o ponto crucial da educação para paz perspetivando a escola inclusiva.

Para esclarecer melhor os formandos é distribuído a cada um a legislação em vigor acerca da temática da inclusão sendo projetado através de um power point as principais alíneas que fundamentam a nossa ação de formação. Dado ser um ponto que suscita muitas dúvidas e por vezes alguma divergência de opinião, o formador tem de ser o mais objetivo possível para focar no mais importante, a escola inclusiva.

Após este espaço de diálogo, o grupo é dividido em pequenos grupos de trabalho. Utiliza-se para esta divisão o jogo das cores. Numa caixa colocam-se canetas de cinco cores e cada participante tira uma. As cores iguais formam um grupo.

Propomos ao grupo um trabalho: “A escola que temos e a escola que queremos”, pedindo que cada grupo sugira duas estratégias a implementar nas escolas para que esta seja inclusiva. Uma estratégia para a escola e uma estratégia para pais/EE. Seguidamente,

---

<sup>184</sup> Anexo 3

o grupo expõe as suas estratégias em plenário. A formadora vai refletindo com os grupos reforçando sempre que os pais/EE assumem um papel muito importante em parceria com a escola, cada um com as suas obrigações e papéis distintos.

Após um breve intervalo iniciamos a segunda parte da formação, dedicada aos direitos humanos.

Apesar da maioria das pessoas terem consciência que existem direitos humanos, por vezes não conhecem todos na íntegra. Iniciamos a segunda parte da sessão com a visualização de um pequeno vídeo com animação musical, que ilustra todos os direitos humanos. Segue-se um diálogo com os formandos, apelando à participação de cada um, refletindo se na prática diária nos lembramos e valorizamos os direitos de que usufruímos. É interessante nesta parte interrogar também os pais e sensibiliza-los para dialogar com os filhos/educandos sobre a importância que devemos dar à Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Sugere-se um trabalho de grupo. Numa caixa colocam-se vários cartões onde estão escritos os direitos humanos. Cada grupo retira um cartão e reflete sobre: “De que forma o dia teria sido diferentes se não pudessem usufruir desse direito.” “Como é que a negação do direito afetou a negação de outros direitos.” “Como é que os pais, professores, amigos, etc, seriam afetados pela negação desse direito?”.

Enquanto os trabalhos de grupo decorrem, a formadora circula pela sala para prestar alguma ajuda ou esclarecimento. De seguida, segue-se o plenário.

Cada grupo elege um porta-voz que apresenta as suas conclusões, acerca do direito humano selecionado para o grupo. Pretendemos com o desenvolvimento deste trabalho de grupo, sensibilizar os pais para os valores universais da igualdade.

Concluimos a segunda sessão, numa reflexão conjunta entre todos dando ênfase à educação para a paz como garantia de sucesso para a escola inclusiva.

Nesta sessão desafiamos os pais/EE a dialogar com os seus educandos acerca do que gostariam de ver diferente nas suas escolas para promover os Direitos humanos.

Sugere-se então que construam em casa com os seus educandos o dado da paz, que se encontra em anexo.<sup>185</sup>

Cada face do dado contém uma frase; Sugere-se que todos os dias até à próxima sessão os pais/EE lancem o dado e a frase que sair, terão de a colocar em prática no seu

---

<sup>185</sup> Anexo 6- Dado da paz

dia. Em anexo um exemplo de dado que poderá ser personalizado com objetivos diferentes para cada família. Deixamos um pouco ao critério a ilustração do dado desde que estimule sempre a viverem concretamente a paz.

### 3.4.1.3. Sessão 3: “Situações de ausência de paz: o Bullying”

Planificação da Ação de Formação: “Pais/EE mediadores da Paz”
<b>Sessão 3:</b> Situações de ausência de paz: o Bullying

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Materiais necessários	Avaliação
Reconhecer que o direito à Paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	Acolhimento	Síntese da última sessão de formação	5mnts	Projedor	Partilha orientada e registo feito pela moderadora
	O que é o Bullying	Brainstorming sobre o que é para cada um o Bullying; o formador vai anotando as ideias no quadro que são lançadas.	10mnts	Computador	
	Bullying em contexto escolar	Visualização de um ppt sobre o conceito de Bullying	15mnts	Papel	
		Visualização de uma parte do Programa Prós e contras sobre a problemática do Bullying em contexto escolar	10mnts	Caneta	
	Debate orientado sobre o Bullying	15mnts	Projedor		
	Intervalo	5mnts	Cartolinas		

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Materiais necessários	Avaliação
Reconhecer que o direito à Paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	Reconhecer que o direito à Paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	<b>Estudo de caso:</b>			
		Cada grupo previamente definido, recebe uma situação concreta sobre Bullying e tenta encontrar uma estratégia para solucionar o problema. <sup>186</sup>	15mnts		
		Plenário	20mnts		
		Estratégias a adotar com os educandos em situações de Bullying a partir de um power point /diálogo com os formandos.	15mnts		
		Conclusão	5mnts		

---

<sup>186</sup> Anexo 8

### **Sessão 3: “Situações de ausência de paz: o Bullying”**

Iniciamos a terceira sessão de formação, dando as boas vindas aos presentes. De seguida apresentamos o Dr. Luís Fernandes, psicólogo educacional com especialização na área do Bullying. Uma vez que a sessão é dedicada a esta temática, será enriquecida com o contributo especializado na área que irá enriquecer toda a nossa ação.

É feita a síntese da sessão anterior lembrando os presentes dos conteúdos abordados; convidam-se os presentes a partilhar a experiência realizada do dado da paz.

Começamos por questionar os formandos acerca do que sabem sobre Bullying, ao mesmo tempo que vão sendo anotadas no quadro as palavras-chave.

O formador deverá incentivar os presentes a participar e partilhar algumas experiências.

Posteriormente é projetado o conceito de Bullying seguido da visualização de uma parte do Programa Prós e Contras recente passado no canal de televisão. Após este momento, o Dr. Luís Fernandes, formador convidado modera um debate sobre a temática do Bullying e a importante ação dos pais/EE na prevenção desta problemática. Note-se que o Formador referido é um dos convidados do programa prós e contras que visualizamos anteriormente. Após um intervalo é sugerido um trabalho de grupo baseado na resolução de casos práticos. Os formandos são divididos em grupos a partir da dinâmica dos números.

Cada grupo recebe um texto com um caso prático que aborda a problemática do Bullying em situações reais. Pretendemos com este momento formativo, que os pais possam refletir nas possíveis formas de resolver as situações, colocando-se na qualidade de filhos vítimas de Bullying ou agressores.

Posteriormente em plenário os grupos exploram as diferentes estratégias que encontraram para resolver os diferentes casos, que serão moderados pelos formadores. Contamos nesta parte da formação com a ajuda do Dr. Luís Fernandes contribuindo com a exposição de estratégias de intervenção para prevenir esta problemática do Bullying.

Concluimos esta sessão reforçando a importância do diálogo entre pais/EE junto dos seus educandos. A este propósito lançamos o desafio da realização de um jogo em casa sobre o Bullying, que se encontra em anexo.

Pretendemos com este jogo uma aproximação dos pais/EE aos seus educandos. O jogo consiste num conjunto de cartões com diversas situações de conflito que terão de ser resolvidas mediante várias opções.<sup>187</sup>

---

<sup>187</sup> Anexo 9

### 3.4.1.4. Sessão 4: “A importância das mensagens Bíblicas na promoção da paz”

Planificação da Ação de Formação: “Pais/EE mediadores da Paz”
<b>Sessão 4:</b> A importância das mensagens Bíblicas na promoção da paz

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Materiais necessários	Avaliação
<p>Reconhecer que o direito à Paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.</p> <p>Questionar-se sobre a paz como valor orientador do sentido da realidade, equacionando respostas adequadas numa visão coerente do mundo</p>	<p>A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade</p> <p>- Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz</p>	Síntese da última sessão de formação	5mnts	Projektor	Qualidade da participação
		Diálogo orientado sobre a missão das religiões e o contributo de cada pessoa para a construção da Paz.	10mnts	Computador	
		- Leitura da mensagem do dia mundial da paz de Sua Santidade Papa Francisco para o ano de 2020. <sup>188</sup>	10mnts	Papel	Capacidades de interpretação e compreensão.
		Trabalho de grupo	20mnts	Caneta	
		A partir da leitura da mensagem, os formandos refletem sobre qual é importância da religião na educação para a paz das crianças e dos jovens		Cartolinas	Empenho e interesse na atividade proposta
Plenário	10mnts				
Intervalo	5mnts				

<sup>188</sup> Anexo 7

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Materiais necessários	Avaliação
<p>.Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos.</p> <p>Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo</p>	<p>- A paz é um bem precioso, dom e salvação de Deus</p> <p>- A Bíblia</p> <p>- O perdão, o diálogo e a reconciliação</p>	Brainstorming “Que papel representa a Bíblia na educação dos filhos/Educandos”	5mnts	Papel	Observação dos alunos
		A Bíblia como instrumento valioso na educação para a paz	5mnts	Canetas	Qualidade da participação
		Visualização de um vídeo “perdoar 70 vezes 7”. <sup>189</sup>	5mnts	Bíblia	Capacidades de interpretação e compreensão.
		Trabalho de grupo: “Que ensinamento nos traz a passagem Bíblica Mt 18,21,22 como contributo para a paz?”	10mnts	Projektor	
		Plenário	10mnts	Computador	Empenho e interesse na atividade proposta
		Síntese da Formação	10mnts		
Avaliação					
		Encerramento da formação com distribuição de certificado de partici			

<sup>189</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=h2FAB1W2uqM&feature=share>

#### **Sessão 4: “A importância das mensagens Bíblicas na promoção da paz”**

Iniciamos esta sessão com a síntese da formação anterior, numa partilha entre os formandos das experiências vividas na realização do jogo do Bullying sugerido na sessão anterior.

A formadora começa por um diálogo com os presentes, percorrendo o caminho das sessões de formação desde a educação para a paz, estratégias para construir essa mesma paz, interpelando os presentes que para completar o caminho na construção da paz, é imprescindível falar das religiões e do seu contributo para esta causa.

Começamos por questionar acerca de qual é a missão das religiões e o contributo para a construção da paz. Para suporte visual irão passando algumas imagens que contextualizam o tema e ajudam a fluir o diálogo.

Seguidamente será abordado o tema das mensagens do dia mundial da paz e os motivos pelos quais surgiram. Não pretendemos aqui uma informação aprofundada das mensagens mas sim realçar que estas existem e que têm um propósito muito valioso na educação para a paz. É preparada previamente uma caixa com cartões com o nome de alguns Papas; cada formando tira um cartão e os nomes iguais devem juntar-se para formar um grupo. É dado a cada grupo a mensagem do dia mundial da paz de sua Santidade Papa Francisco para o ano de 2020.

A partir da leitura da mensagem, os formandos refletem sobre qual é a importância da religião na educação para a paz das crianças e dos jovens. Segue-se um plenário dos grupos e espera-se que os pais coloquem algumas questões pertinentes para enriquecimento do momento de partilha.

Após um intervalo iniciamos a nossa segunda parte da sessão mostrando ao grupo uma Bíblia. A partir daqui a formadora inicia um diálogo acerca do que representa a Bíblia, fazendo algumas questões de forma a perceber em que medida o grupo está familiarizado com o tema. Não pretendemos nesta segunda parte da sessão explorar conceitos bíblicos mas sim sensibilizar os pais para o papel que a Bíblia representa na educação, sendo um instrumento valioso na educação para a paz. Encontramos neste momento o espaço para a visualização de um vídeo da passagem Bíblica “perdoar 70 vezes 7”.<sup>190</sup>

---

<sup>190</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=h2FAb1W2uqM&feature=share>

Nos grupos já previamente definidos os pais/EE refletem sobre os ensinamentos que a passagem Bíblica Mt 18,21,22 nos transmite nas questões da educação para a paz. Segue-se um plenário no qual os grupos partilham a partir de um porta-voz as suas reflexões. Neste momento a formadora vai intervindo reforçando sempre a importância que a mensagem bíblica transmite neste caso concreto, que promove o perdão.

A formadora faz a síntese da sessão, começando por falar que todos os conteúdos abordados nesta sessão tiveram como propósito a sensibilização da educação para a paz, propondo estratégias de intervenção entre pais/EE e educandos estimulando o diálogo e o estreitamento das relações pessoais.

A formadora reforça a ideia que a escola inclusiva só será possível se todos se empenharem na educação para a paz baseada no diálogo e respeito. Neste momento faz o apelo aos pais/EE para a tomada de consciência da importância que a disciplina de EMRC representa no percurso dos seus educandos uma vez que aprofunda os valores morais à luz da mensagem cristã.

É também referido neste momento que todos os temas escolhidos ao longo da ação de formação se encontram no programa da disciplina de EMRC na UL A paz universal do 7ºano de escolaridade que os educandos frequentam.

A formadora lança o desafio aos pais/EE a organização de uma caminhada pela paz em articulação com a escola no sentido de sensibilizar a comunidade escolar e local na educação para a paz. Propõe o culminar desta com uma vigília de oração pela paz.

Para terminar, agradece a todos pela presença e participação na ação de formação, pedindo a colaboração para o preenchimento da ficha de avaliação da sessão.

Segue-se a entrega dos Certificados de participação e um lanche convívio com a presença dos educandos.

## CONCLUSÃO

Ao chegarmos à parte final desta dissertação, tomamos consciência que a paz é um tema vasto, inesgotável e sempre atual. Está presente em todas as dimensões da sociedade, seja a nível individual, político, social, religioso ou educativo, e garanti-la deve ser uma preocupação das sociedades em geral e de toda a comunidade educativa em particular.

Com este trabalho foi nosso intento alertar para esta temática, assim como encontrar estratégias para que a paz na escola seja uma realidade, associando a ideia de escola inclusiva.

Numa primeira parte debruçamo-nos sobre o enquadramento teórico do tema, nomeadamente explorando os temas de paz e inclusão. Descobrimos nesta primeira parte do nosso trabalho que a paz é um tema vasto que inquieta o Homem, não apenas em contexto escolar mas em todos os domínios da sociedade. Verificamos que as Mensagens dos Papas são um testemunho muito rico e importante que pode e deve ser utilizado como ferramenta pedagógica, acompanhando a história da humanidade numa luta pelos direitos humanos.

Num segundo ponto da presente dissertação, tivemos oportunidade de refletir sobre a prática pedagógica que decorreu na Escola Salesiana de Manique que, como referido, é uma escola Católica, e concluímos que esta foi uma experiência muito enriquecedora do ponto de vista pessoal e profissional dado que permitiu vivenciar uma escola que na sua simplicidade nos mostrou a riqueza de uma educação baseada nos valores cristãos e alicerçada nos valores do seu fundador, Dom Bosco.

Sendo o tema desta dissertação educação para a paz e vivência da inclusão em meio escolar, podemos concluir que a Escola Salesiana de Manique constituiu um bom exemplo de uma educação inclusiva onde a paz é um garante.

Sendo a unidade letiva de referência a Paz Universal, foi sempre uma prioridade proporcionar no contexto de sala de aula momentos de aprendizagem baseados na tolerância, respeito e igualdade. Contudo, por considerarmos que o trabalho do professor de EMRC não se deve extinguir apenas na lecionação mas contribuir para a formação de cidadãos capacitados de valores morais inclusivos, surgiu a necessidade através deste estudo de demonstrar a importância da colaboração dos pais/EE nesta missão. Como resultado surgiu a proposta pedagógica que integra esta dissertação.

A proposta pedagógica que aqui se apresenta surge da necessidade urgente que se faz sentir de uma proximidade entre escolas e famílias, pais e EE.

Acerca deste propósito, diz-nos Cristina Sá Carvalho

“Trabalhar com as famílias não é fácil mas é muito útil. Quando há proximidade e entendimento, partilha de objetivos e diálogo entre os vários educadores de uma criança ou adolescente, tanto na paróquia como na escola, tudo fica mais calmo: o entendimento permite confiança e paz, pelo que se faz uma catequese mais qualificada.”<sup>191</sup>

Corroborando as afirmações de Cristina Sá Carvalho, trabalhar com as famílias não é fácil pois é entrar no pequeno mundo de cada um. No entanto, é urgente esta proximidade entre educadores e escola no sentido de convergir para o mesmo fim, educar.

Assim a formação proposta nesta dissertação vem mostrar nos que, apesar de não existirem formulas nem receitas mágicas na educação, se escola e família conseguirem uma boa articulação, tudo flui de uma forma gratificante. “A família é a questão mais séria que a nossa sociedade tem de enfrentar, pois ao seu destino corresponde o destino final da humanidade.”<sup>192</sup>

Os pais/EE necessitam ser sensibilizados para as mudanças sociais vividas na nossa sociedade; a escola precisa sensibilizar os pais/EE para as vivências diárias dos seus educandos, envolvendo-os na vida escolar, para que a escola e seus desafios diários entrem em casa e sejam dialogados em família.

Um aspeto a ter em linha de conta na conclusão desta dissertação prende-se com a inclusão e escola inclusiva. É urgente uma mudança de mentalidade social, no sentido de educar para a igualdade. Como referido ao longo deste trabalho, a inclusão chegou à escola para ficar e é importante que os pais/EE se mantenham informados das alterações legislativas para que possam eles também ajudar os seus educandos a entender melhor o porquê de determinadas situações que acontecem em ambiente escolar.

“Há uma grande severidade nas apreciações que se fazem das famílias. É tão comum que, na escola e na catequese, para só citar dois ambientes de responsabilidade educativa em subsidiariedade com a família, ouvir-se julgar, culpar, as famílias. Porque os pais fazem, ou não fazem, porque os pais parecem, não se interessar, não se preocupar. Quão superficialmente estarão a ser julgados? Como lidaríamos nós com as suas circunstâncias de vida? Será a nossa própria família assim tão perfeita? Terão as pessoas em causa escolhidas a situação em que se encontram? Ofereço eu o devido auxílio, procurando aliviá-las da sua carga?”<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> C.CARVALHO, Para uma evangelização inovadora – dar razões de confiança à família,9.

<sup>192</sup> C.CARVALHO, A família e o seu insubstituível papel educativo, *Pastoral Catequética* n<sup>o</sup>9,2007.

<sup>193</sup> *Ibidem*,109.

Verificamos com esta dissertação que a educação para a paz é urgente não só em contexto escolar mas também no nosso dia-a-dia, no seio familiar. A vivência da paz em ambiente familiar, e a sensibilização para uma educação baseada no respeito e diálogo, é um garante para vivermos bem connosco e com os outros.

Os ritmos sociais das famílias sofreram alterações significativas, quer em horários laborais quer nos padrões sociais de família. Por sua vez os contextos escolares sofreram alterações significativas, como podemos constatar nesta nossa dissertação, em concreto na legislação em vigor, que define a escola inclusiva. Assim, sendo a escola inclusiva a oportunidade de garantir a igualdade de oportunidade para todos, precisamos mais do que nunca de sensibilizar para a paz, para que a educação seja um caminho a trilhar de serenidade e não de lutas constantes entre responsáveis.

Uma vez implementada a inclusão em contexto escolar, é preciso que a escola crie estratégias de fazer valer a legislação, não a deixando ficar apenas no papel. A escola tem de chegar perto dos pais, tem de os envolver e responsabilizar pela educação para a paz. Há muita falta de formação nas escolas no sentido de educar para a paz, por variados motivos que são alheios ao querer da escola e dos pais/EE. Encontramos hoje um sistema educativo virado para aprendizagens científicas, deixando cair um pouco a educação cívica e moral.

É aqui que a disciplina de EMRC pode e deve ser um contributo precioso, educando para o diálogo na aceitação do outro e implementando práticas reais de formação e educação para a paz, pois como afirmou a professora Cristina Sá carvalho, em sala de aula a 11 de março de 2019: “Mudar o mundo é possível, mas é preciso querer mesmo”, reflexão com a qual termino a presente dissertação, mas não o trabalho enquanto cidadã e docente de EMRC que assume a sua responsabilidade enquanto construtora de uma comunidade escolar verdadeiramente inclusiva e assente na paz, fatores indubitavelmente contribuintes para um mundo melhor.

## **BIBLIOGRAFIA**

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Fátima, 2009

## **TEXTOS DO MAGISTÉRIO**

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Editorial A. O., Braga, 1987

CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Direito e dever - missão nobre ao serviço de todos”, Lisboa, 2002

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, “Educar ao humanismo solidário”, Vaticano, 2017

## **LIVROS E ARTIGOS**

ARENDS, R., “Aprender a Ensinar”, McGrawHill, Madrid, 1995

BERGOLIO, J.M., “Educar para uma esperança ativa”, Paulinas, Águeda, 2013

CARVALHO, C., “A família e o seu insubstituível papel educativo”, Pastoral Catequética (9/2007)

CARVALHO, C., “Para uma evangelização inovadora – Dar razões de confiança à família”.

CARVALHO, J., “Que desafios se colocam à Escola Católica como espaço de evangelização”, Revista de Catequese e Educação 37-38 (2017) 23-32

CORREIA, L.M., “Inclusão e necessidades educativas especiais”, Porto Editora, Porto

SECRETARIADO COORDENADOR DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL, “Educação para a tolerância – Actas da Conferência” Lisboa, 1995

GIUSSANI, L., “Educar é um risco”, Diel, Lisboa, 1998

HABER, J., “Bullying manual anti-agressão”, Casa das Letras, Alfragide, 2009

LEANDRO, I., “O lugar do Evangelho na missão da Escola Católica. A educação segundo o Papa Francisco”, Revista de Catequese e Educação 37-38 (2017) 33-43

ORNELAS, J., “A utopia da paz na Bíblia”, Cadernos ISTA (9/2000), 65-102

RODRIGUES, D., “Perspetivas sobre a Inclusão – Da Educação à sociedade”, Porto Editora, Porto, 2003

SELAU, B., “Educação inclusiva e educação para a paz- relações possíveis”, EDUFMA, São Luís, 2009

SACRISTÁN, G.J., “Educar e conviver na cultura global”, Asa Editores, Porto, 2002

SALGADO, C., “Ensaio sobre o amor na Educação-formar pessoas ensinando”, Lucerna, Cascais, 2017

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Manual do 7º ano – Desafios”, Lisboa, 2009

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Programa de Educação Moral e Religiosa Católica”, Lisboa, 2014



# ANEXOS

Anexo 1

---

Partilha de diferentes práticas e saberes

**AÇÃO DE FORMAÇÃO**

**País e Encarregados de Educação:**

Апехо 2



## **AÇÃO DE FORMAÇÃO**

**Pais e Encarregados de Educação:**

**Mediadores da paz**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Localidade:** \_\_\_\_\_

**Artigo 33.<sup>º</sup>**  
**Centralidade das escolas multidisciplinares de apoio à educação inclusiva**

As equipas multidisciplinares de apoio à educação inclusiva centram o funcionamento no plano de 30 dias a contar da data da entrada em vigor do presente decreto-lei.

**Artigo 34.<sup>º</sup>**  
**Audências de validação**

1 — Os centros de apoio à aprendizagem acolhem as validações existentes no terreno, nomeadamente as unidades especializadas.

2 — Os alunos apoiados pelos centros referidos no número anterior têm prioridade na renovação de matrícula, independentemente da sua área de residência.

**Artigo 37.<sup>º</sup>**  
**Regulamentação**

1 — As condições de acesso, de frequência e o financiamento dos estabelecimentos de educação especial são definidas por proposta dos membros do Governo responsável pelas áreas das finanças e da educação.

2 — Até à publicação da regulamentação referida no número anterior, mantêm-se em vigor a Portaria n.º 1103/97 e a Portaria n.º 1103/97, ambas de 3 de novembro.

**Artigo 38.<sup>º</sup>**  
**Reservas e substituição de turmas**

1 — Todas as reservas feitas para o Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, alterado pela Lei n.º 21/2008, de 12 de maio, consideram-se feitas para o presente decreto-lei.

2 — As referências constantes do presente decreto-lei aos órgãos de direção, administração e gestão dos estabelecimentos de ensino público, bem como as estruturas de coordenação e supervisão pedagógicas, consideram-se feitas para os órgãos e estruturas com competência equivalente em cada estabelecimento de ensino particular e cooperativo.

**Artigo 39.<sup>º</sup>**  
**Regiões Autónomas**

A aplicação do presente decreto-lei às Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira faz-se sem prejuízo das competências dos órgãos de governo próprio em matéria de educação.

**Artigo 40.<sup>º</sup>**  
**Norma revogatória**

São revogadas:

a) O Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, alterado pela Lei n.º 21/2008, de 12 de maio;

b) A Portaria n.º 201-C/2015, de 10 de julho.

**Artigo 41.<sup>º</sup>**  
**Produção de efeitos**

1 — O presente decreto-lei produz efeitos a partir do ano escolar 2018-2019.

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, e de regime previsto no artigo 21.º, devem as escolas proceder à sua aplicação na preparação do ano letivo 2018-2019.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 24 de maio de 2018. — *António Luís Santos da Costa* — *António Manuel de Jesus Mendes* — *Luís Filipe Rodrigues*.

Promulgado em 22 de junho de 2018.

Publicação.

O Presidente da República, *Mário Soares* em Secção.

Referendado em 23 de junho de 2018.

Pelo Primeiro-Ministro, *António Manuel de Jesus Mendes*, Ministro das Relações Exteriores.

111467346

Decreto-Lei n.º 65/2018

de 6 de julho

O programa de XXI Governo Constitucional assume como prioridade a concretização de uma política educativa centrada nas pessoas que garanta a igualdade de acesso à escola pública, promovendo o sucesso educativo e, por consequência, a igualdade de oportunidades.

A concretização destas prioridades, já inscritas na Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada pela Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, na sua redação atual, tem vindo a ser promovida através de medidas de aplicação setoriais. Porém, os dados disponíveis mostram que aqueles objetivos não estão, ainda, plenamente atingidos, na medida em que, nos últimos anos, vem aumentando o número de alunos com sucesso educativo. Por outro lado, a sociedade enfrenta atualmente novas desafios, decorrentes de uma globalização e desenvolvimento tecnológico em aceleração, tendo a escola de preparar os alunos, que serão jovens e adultos em 2030, para empregos ainda não criados, para tecnologias ainda não inventadas, para a resolução de problemas que ainda se desconhecem.

Nesta incerteza quanto ao futuro, onde se vislumbra uma miríade de novas oportunidades para o desenvolvimento humano, é necessário desenvolver nos alunos competências que lhes permitam questionar os saberes estabelecidos, integrar conhecimentos emergentes, comunicar eficientemente e resolver problemas complexos.

Impulsionados por tais desafios e correspondendo a esta necessidade, após amplo debate nacional que envolveu professores, académicos, famílias, parceiros sociais e alunos, foi aprovado o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, que estabelece a matriz de princípios, valores e áreas de competências a que deve obedecer o desenvolvimento de currículo.

Uma escola inclusiva, promotora de melhores aprendizagens para todos os alunos e a operacionalização do perfil de competências que se pretende que os mesmos desenvolvam, para o exercício de uma cidadania ativa e informada ao longo da vida, implicam que seja dada às escolas autonomia para um desenvolvimento curricular adaptado a contextos específicos e às necessidades dos seus alunos.

A realização de aprendizagens significativas e o desenvolvimento de competências mais complexas pressupõem tempo para a consolidação e uma gestão integrada do conhecimento, valorizando os saberes disciplinares, mas

também o trabalho interdisciplinar, a diversificação de procedimentos e instrumentos de avaliação, a promoção de capacidades de pesquisa, reflexão, análise, o domínio de técnicas de captação e argumentação, a capacidade de trabalhar cooperativamente e com autonomia.

Sobretudo, que há escolas que têm conseguido concretizar as principais prioridades de melhoria, adotando soluções adequadas aos contextos e às necessidades específicas dos seus alunos, é fundamental que o currículo seja operacionalizado como instrumento que as escolas podem gerir e desenvolver localmente de modo que todos os alunos alcancem as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Para tal, considera-se fundamental que as prioridades detalhadas a nível curricular e pedagógico sejam tomadas pelas escolas e pelos professores. É neste enquadramento que no presente decreto-lei se definem as escolas, conferindo-lhes autonomia para, em diálogo com os alunos, as famílias e com a comunidade, podermos:

- Dispor de maior flexibilidade na gestão curricular, com vista à dinamização do trabalho interdisciplinar, de modo a aprofundar, reforçar e enriquecer as Aprendizagens Essenciais;
- Implementar o componente de Cidadania e Desenvolvimento, enquanto área de trabalho presente nas diferentes ofertas educativas e formativas, com vista ao exercício da cidadania ativa, do participação democrática, em contextos interdisciplinares de partilha e colaboração e de confronto de ideias sobre matérias da atualidade;
- Fomentar nos alunos o desenvolvimento de competências de pesquisa, avaliação, reflexão, mobilização crítica e autonomia de informação, com vista à resolução de problemas e ao reforço da sua autonomia e bem-estar;
- Adotar diferentes formas de organização do trabalho escolar, designadamente através da constituição de equipas educativas que permitam retribuir o trabalho docente e centrado nos alunos;
- Apostar na dinamização do trabalho de projeto e no desenvolvimento de experiências de comunicação e negociação nas modalidades oral, escrita, visual e multimodal, valorizando o papel dos alunos enquanto autores, proporcionando-lhes situações de aprendizagens significativas;
- Reforçar as dinâmicas de avaliação das aprendizagens centrando-as na diversidade de instrumentos que permitem um maior conhecimento do processo de trabalho realizado e um acompanhamento ao primeiro sinal de dificuldade nas aprendizagens dos alunos;
- Conferir aos alunos do ensino secundário a possibilidade de aderir de um percurso formativo próprio através de permuta e substituição de disciplinas, no respeito pelas componentes específicas e científicas de cada curso.

A apropriação plena da autonomia curricular, agora conferida, materializa-se, sempre, na possibilidade de gestão flexível das matrizes curriculares, baseando-se nas opções curriculares de cada escola.

Com vista à valorização de todas as componentes do currículo, elimina-se o regime excepcional relativo à classificação da disciplina de Educação Física, passando esta a ser considerada, a par das demais disciplinas, para o agrupamento da classificação final de todos os cursos do ensino secundário.

De igual modo, a valorização da especificidade e identidade das diferentes formações de nível secundário exige

que seja afastada a obrigatoriedade da realização dos exames nacionais dos planos curriculares dos cursos científico-humanísticos por parte dos alunos que concluíam cursos artísticos especializados e cursos profissionais. Segue-se, assim, para efeitos de prosseguimento de estudos, a certificação do ensino secundário de acesso ao ensino superior, mantendo-se para os alunos dos cursos artísticos regulares e dos cursos profissionais a realização de exames como prova de ingresso dos cursos a que se candidatam.

A atribuição do papel decisivo das escolas e dos professores na promoção educativa dos alunos leva o Ministério da Educação a assumir um papel subsidiário de trabalho das escolas, promovendo, por isso, no presente decreto-lei, a instituição de um mecanismo de apoio e acompanhamento de trabalho das escolas no sentido de o reforçar e impulsionar criando, entre as escolas, comunidades e redes de parcerias de políticas.

Por fim, e de harmonia com as prioridades de simplificação e desmaterialização da Administração Pública, prevê-se a possibilidade de os docentes de certificação e diplomas das diversas ofertas educativas e formativas serem emitidos em formato eletrónico pelas escolas.

O presente decreto-lei foi objeto de consulta pública, em que participaram estabelecimentos de ensino público e privado, instituição de ensino superior, associações de professores, profissionais da comunidade educativa, ordens profissionais, Conselho Episcopal, Comité Olímpico, Confederação Nacional das Associações de Pais, associações de pais e encarregados de educação, federações sindicais e parentais em geral.

Foram ouvidos o Conselho Nacional de Educação, o Conselho das Escolas, a Associação Nacional de Escolas Profissionais, a Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo, a Associação Nacional de Municípios Portugueses e os órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas.

Assim, no desenvolvimento do regime jurídico estabelecido pela Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada pela Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, na sua redação atual, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

**CAPÍTULO I**

**Disposições gerais**

**Artigo 1.º**

**Objeto**

O presente decreto-lei estabelece o currículo dos cursos básicos e secundários, os princípios orientadores da sua conceção, operacionalização e avaliação das aprendizagens, de modo a garantir que todos os alunos adquiram os conhecimentos e desenvolvam as capacidades e atitudes que constituem para alcançar as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

**Artigo 2.º**

**Âmbito de aplicação**

1 — O disposto no presente decreto-lei aplica-se às diversas ofertas educativas e formativas dos cursos básicos e secundários, no âmbito da escolaridade obrigatória, ministradas em estabelecimentos de ensino público, particular



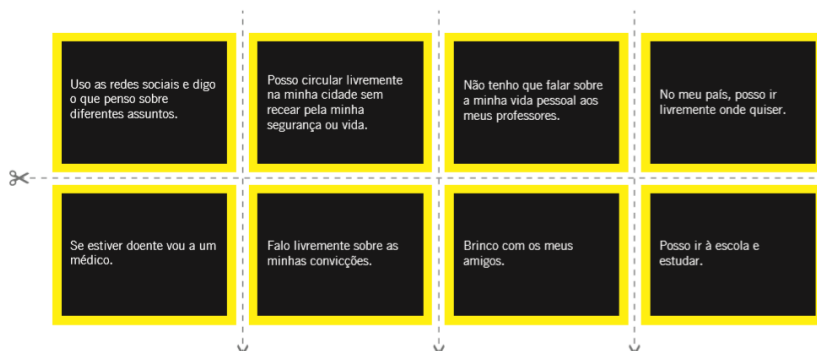
## **ANEXO DIREITOS HUMANOS NA MINHA VIDA**

Cartões de artigos da DUDH

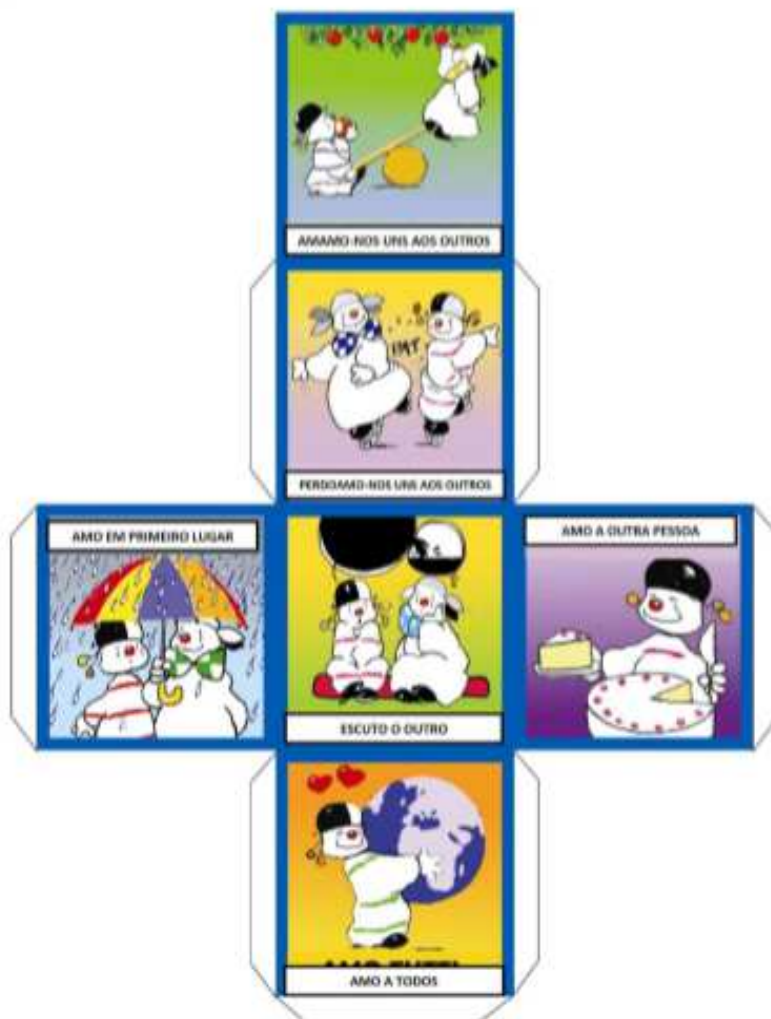


## **ANEXO DIREITOS HUMANOS NA MINHA VIDA**

Cartões de actividades diárias



 --- faz o teu "Dado da Paz"



# Anexo 7



A Santa Sé

MENSAGEM DO SANTO PADRE  
FRANCISCO  
PARA A CELEBRAÇÃO DO  
DIA MUNDIAL DA PAZ  
1ª DE JANEIRO DE 2020

«A PAZ COMO CAMINHO DE ESPERANÇA:  
DIÁLOGO, RECONCILIAÇÃO E CONVERSÃO ECOLÓGICA»

## 1. A paz, caminho de esperança face aos obstáculos e provações

A paz é um bem precioso, objeto de nossa esperança; por ela aspira toda a humanidade. Depor esperança na paz é um comportamento humano que alberga uma tal tensão existencial, que o momento presente, às vezes até custoso, pode ser vivido e aceito, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros dessa meta, se esta meta for tão grande que justifique a cansaça do caminho<sup>[1]</sup>. Assim, a esperança é a virtude que nos coloca a caminho, dá asas para continuar, mesmo quando os obstáculos parecem intrasponíveis.

A nossa comunidade humana tira, na memória e na carne, os sinais das guerras e conflitos que têm vindo a suceder-se, com crescente capacidade destruidora, afetando especialmente os mais pobres e frágeis. Há nações inteiras que não conseguem libertar-se das cadeias de exploração e corrupção que alimentam ódios e violências. A muitos homens e mulheres, crianças e idosos, ainda hoje se nega a dignidade, a integridade física, a liberdade – incluindo a liberdade religiosa –, a solidariedade comunitária, a esperança no futuro. Inúmeras vítimas inocentes carregam sobre si o tormento de humilhação e de exclusão, do luto e da injustiça, se não mesmo os traumas resultantes da opressão sistemática contra o seu povo e os seus entes queridos.

As terríveis provações dos conflitos civis e dos conflitos internacionais, agravadas muitas vezes por violências desalmadas, marcam prolongadamente o corpo e a alma da humanidade. Na realidade, toda a guerra se revela um fratricídio que destrói o próprio projeto de fraternidade, inscrito na vocação da família humana.

Sabemos que, muitas vezes, a guerra começa pelo facto de não se suportar a diversidade do outro, que fomenta o desejo de posse e a vontade de domínio. Nasce, no coração do homem, a partir do egoísmo e do orgulho, do ódio que induz a destruir, a dar uma imagem negativa do outro, a excluí-lo e cancelá-lo. A guerra nutre-se com a perversão das relações, com as ambições hegemónicas, os abusos de poder, com o medo do outro e a diferença vista como obstáculo; e simultaneamente alimenta tudo isso.

Como fiz notar durante a recente viagem ao Japão, é paradoxal que no nosso mundo viva a dicotomia perversa de querer defender e garantir a estabilidade e a paz com base numa falsa segurança sustentada por uma mentalidade de medo e desconfiança, que acaba por envenenar as relações entre os povos e impedir a possibilidade de qualquer diálogo. A paz e a estabilidade internacional são incompatíveis com qualquer tentativa de as construir sobre o medo de mútua destruição ou sobre uma ameaça de aniquilação total. São possíveis só a partir duma ética global de solidariedade e cooperação ao serviço dum futuro modelado pela interdependência e a coresponsabilidade na família humana inteira de hoje e de amanhã<sup>[2]</sup>.

Toda a situação de ameaça alimenta a desconfiança e a reticência para dentro de própria condição. Desconfiança e medo aumentam a fragilidade das relações e o risco de violência, num círculo vicioso que nunca poderá levar a uma relação de paz. Neste sentido, a própria dissuasão nuclear só pode criar uma segurança ilusória.

Por isso, não podemos pretender manter a estabilidade no mundo através do medo de aniquilação, num equilíbrio muito instável, pendente sobre o abismo nuclear e fechado dentro dos muros da indiferença, onde se tomam decisões socioeconómicas que abrem a estrada para os dramas do descarte do homem e da criação, em vez de nos guardarmos uns aos outros<sup>[3]</sup>. Então como construir um caminho de paz e mútuo reconhecimento? Como romper a lógica morbosa da ameaça e do medo? Como quebrar a dinâmica de desconfiança atualmente prevalente?

Devemos procurar uma fraternidade real, baseada na origem comum de Deus e vivida no diálogo e na confiança mútua. O desejo de paz está profundamente inscrito no coração do homem e não devemos resignar-nos com nada de menos.

## 2. A paz, caminho de escuta baseado na memória, solidariedade e fraternidade

Os sobreviventes aos bombardeamentos atómicos de Hiroxima e Nagasaki – denominados os hibakusha – contam-se entre aqueles que, hoje, mantêm viva a chama da consciência coletiva,

testemunhando às sucessivas gerações o horror daquilo que aconteceu em agosto de 1945 e os sofrimentos indescritíveis que se seguiram até aos dias de hoje. Assim, o seu testemunho aviva e preserva a memória das vítimas, para que a consciência humana se torne cada vez mais forte contra toda a vontade de domínio e destruição. «Não podemos permitir que as atuais e as novas gerações percam a memória do que aconteceu, aquela memória que é garantia e estímulo para construir um futuro mais justo e fraterno»<sup>[4]</sup>.

Como eles, há muitos, em todas as partes do mundo, que oferecem às gerações futuras o serviço impressionável da memória, que deve ser preservada não apenas para evitar que se voltem a cometer os mesmos erros ou se reproponham os esquemas ilusórios do passado, mas também para que a memória, fruto de experiência, constitua a raiz e sugira a vereda para as opções de paz presentes e futuras.

Mais ainda, a memória é o horizonte da esperança: muitas vezes, na escuridão das guerras e dos conflitos, a lembrança mesmo dum pequeno gesto de solidariedade recebida pode inspirar opções corajosas e até heróicas, pode colocar em movimento novas energias e reacender nova esperança nos indivíduos e nas comunidades.

Abrir e traçar um caminho de paz é um desafio muito complexo, pois os interesses em jogo, nas relações entre pessoas, comunidades e nações, são múltiplos e contraditórios. É preciso, antes de mais nada, fazer apelo à consciência moral e à vontade pessoal e política. Com efeito, a paz alcança-se no mais fundo do coração humano, e a vontade política deve ser incessantemente revigorada para abrir novos processos que reconciliem e unam pessoas e comunidades.

O mundo não precisa de palavras vazias, mas de testemunhas convictas, antesão de paz abertos ao diálogo sem exclusões nem manipulações. De facto, só se pode chegar verdadeiramente à paz quando houver um convívio diário de homens e mulheres que buscam a verdade mais além das ideologias e das diferentes opiniões. A paz é uma construção que deve estar constantemente a ser edificada<sup>[5]</sup>, um caminho que percorremos juntos procurando sempre o bem comum e comprometendo-nos a manter a palavra dada e a respeitar o direito. Na escuta mútua, podem crescer também o conhecimento e a estima do outro, até ao ponto de reconhecer no inimigo o rosto dum irmão.

Por conseguinte, o processo de paz é um empenho que se prolonga no tempo. É um trabalho paciente de busca da verdade e de justiça, que honra a memória das vítimas e abre, passo a passo, para uma esperança comum, mais forte que a vingança. Num Estado de direito, a democracia pode ser um paradigma significativo deste processo, se estiver baseada na justiça e no compromisso de tutelar os direitos de cada um, especialmente se vulnerável ou marginalizado, na busca contínua da verdade<sup>[6]</sup>. Trata-se duma construção social em contínua elaboração, para a qual cada um presta responsabilmente a própria contribuição, a todos os níveis da comunidade local, nacional e mundial.

## Anexo 8 – Casos práticos

### Caso 1

Um grupo de alunas que frequentam uma turma de 7ºano conversa entre si sobre uma colega que tem vindo a ser perseguida por um grupo de alunas mais velhas, que a ridicularizam com frequência. A aluna sente-se cada vez mais triste e vagueia pela escola sozinha. Apesar do grupo de alunas ter presenciado por diversas vezes esta situação, sentem medo de denunciar o caso, pois não querem sofrer represálias. Sabe-se que a aluna tem vindo a baixar o rendimento escolar.

1. Enquanto pais, que conselhos dariam ao grupo de alunas que observou as agressões sem agir.

### Caso 2

A vossa filha chega a casa da escola sem querer falar sobre o dia, alegando estar cansada. No entanto a situação repete-se consecutivamente e os resultados escolares começaram a baixar. Apesar da insistência dos pais, a aluna não revela nada sobre o que se está a passar na escola. Os pais entretanto descobrem no seu telemóvel umas mensagens com ameaças e insultos. Confrontada pelos pais com a situação, a aluna mostra-se em pânico.

Imaginem-se pais desta rapariga que frequenta o 8ºano. Qual seria o vosso procedimento para resolver o problema

## Anexo 9 – Jogo do Bullying

1) Existe um aluno mais velho na tua escola que te ameaça quase todos os dias, tu...	1A) Não posso fazer nada, afinal ele é mais forte do que eu.	1B) Conto a algum adulto (professor, pai ou mãe, funcionário, diretor da escola ou outro) o que se está a passar contigo.
1C) Invento uma desculpa para não ter de ir à escola.	1D) Arranjo alguns alunos mais velhos para o ameaçarem.	2) A maior parte dos teus colegas de turma começa a pôr-te de parte e a ignorar-te. O que fazes?
2A) Prefiro andar sozinho, afinal ninguém gosta de mim.	2B) Começo a andar, durante os intervalos, com alunos de outras turmas.	2C) Tento fazer tudo o que eles querem para que me aceitem no grupo.

2D) Passo a andar sozinho, afinal não os posso obrigar a estarem comigo.	3) Chegas à escola e reparas que todos estão a gozar contigo e não percebes o motivo. Ficas a saber que na Internet circula um boato a teu respeito. Como reages?	3A) É apenas um boato, não dou importância.
3B) Fico magoado, afinal considerava algumas das pessoas que estão a gozar comigo como minhas amigas.	3C) Vou à direção da escola e à polícia e apresento queixa.	3D) Acho que é apenas uma brincadeira e, de seguida, sou eu que coloco na Internet um boato sobre um dos meus colegas.
4) No autocarro, quando vais para a escola ou no regresso a casa, alguns alunos chamam-te nomes e à tua família. O que fazes?	4A) Evito ir de autocarro, tento ir a pé para casa ou escola, mas tenho-me atrasado para as aulas ou a chegar a casa.	4B) Tento ficar ao pé do condutor do autocarro para me sentir mais protegido.

4C) Não faço nada. Afinal, se não permitir essas "brincadeiras", depois ainda será pior na escola.	4D) Conto aos meus pais ou a outro adulto na escola, para ver se aqueles colegas deixam de o fazer.	5) Imagina que, com frequência na tua escola, vês um aluno que anda sempre sozinho nos intervalos. O que farias?
5A) Ia falar com ele e tentava ser seu amigo. Depois perguntava porque razão anda sempre sozinho.	5B) Não fazia nada. Se ele anda sozinho, deve ser porque quer.	5C) Falava com um funcionário, um professor ou com o diretor da escola e contava o que se estava a passar.
5D) Tentava falar com os seus pais ou outro familiar e contava que ele passa os intervalos, sozinho e a vaguear pelos recreios da escola.	6) Recebes no teu telemóvel uma foto de uma colega num momento de maior intimidade com uma mensagem muito ofensiva. Tu...	6A) Desato-me a rir e envio-a logo para mais alguns colegas.

6B) Apago-a e não comento a situação com ninguém.	6C) Guardo-a e vou de imediato falar com um professor ou a direção da escola para relatar o que se passa.	6D) Dirijo-me a quem me enviou a foto e a mensagem e pergunto-lhe se sabe a gravidade do que fez.
7) Todos os dias recebes sms a ofender-te e a ameaçar-te: dizem que, caso não dês dinheiro a alguns alunos, serás humilhado e agredido. Como	7A) Todos os dias dou-lhes dinheiro para que não me humilhem e/ou batam na escola.	7B) Mostro os sms e/ou e-mails a um adulto (professor, funcionário ou um familiar) da minha confiança, pedindo-lhe ajuda.
7C) Apago rapidamente os sms e/ou e-mails e não conto a ninguém o que se passa.	7D) Dou-lhes dinheiro, mas tento contar a algum adulto o que se passa.	8) Existe um aluno na tua escola que, sempre que te encontra, te apalpa e beija, ao mesmo tempo que diz palavras ofensivas. O que fazes?

8A) Não faço nada, afinal ele é muito mais forte do que eu.	8B) Conto a algum adulto (diretor da escola, professor, funcionário, familiar ou outro).	8C) Não dou importância, é apenas uma brincadeira.
8D) Não digo a ninguém, sinto-me envergonhado(a).		

## Anexo 10 – Avaliação da Ação de Formação

Tendo em conta as sessões de formação, solicitamos a vossa opinião para possíveis melhorias

Agradecemos desde já a colaboração e tempo dispensado

<b>Item de avaliação</b>	1	2	3	4	5
Objetivo da formação					
Utilidade dos temas abordados					
Espaço e materiais utilizados					
Dinâmicas/Estratégias					
Clareza da formadora					
Comentários:					
Sugestões:					